



Euclides Neto

A ÚLTIMA CAÇADA

(contos)

issuu.com/euclides-neto/docs/1

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

O Acervo Euclides Neto foi criado a pela **e-book.br**, Editora Universitária do Livro Digital, com o fim de disponibilizar na internet textos desse admirável ficcionista baiano. Embora a sua obra completa tenha sido publicada no ano de 2013 pela Edufba, a distribuição precária por uma editora de pequena circulação impede que o leitor brasileiro tenha acesso a esse pouco difundido patrimônio da moderna literatura brasileira.

Mediante autorização da família do autor, os seus textos serão publicados em formato digital para leitura gratuita, sem prejuízo de novos livros impressos que venham a aparecer, para satisfação do público interessado nas edições gráficas, com seus encantos e vantagens.

A última caçada é uma seleção tanto de contos publicados em vida pelo autor quanto daqueles só conhecidos após a sua morte, em *O tempo é chegado*, reunião dos contos completos de Euclides Neto.

Outros livros virão enriquecer esta coleção, enquanto se planeja para breve a *fortuna crítica* do autor, permitindo aos estudiosos uma visão diversificada do legado literário de Euclides Neto.

Em seguida, romances e outros gêneros de obras completarão este projeto de inserção do autor no cotidiano do grande público leitor.

A ÚLTIMA CAÇADA

LIVROS DO AUTOR

- Berimbau (1946)
Vida Morta (1947)
Os Magros (1961)
O Patrão (1978)
Comercinho do Poço Fundo (1979)
Os Genros (1981)
64: Um Prefeito, a Revolução e os Jumentos (1983)
Machombongo (1986)
O Menino Traquino (1994)
A Enxada (1996)
Dicionareco das Roças de Cacau e Arredores (1997)
Trilhas da Reforma Agrária (1999)
O Tempo é Chegado (2001)

E-BOOKS

- A última Caçada (2017)
O Advogado e o Burro Ladrão (2017)
Cinco histórias da roça (2017)

Endereços deste e-book:
<https://issuu.com/euclides-neto/docs/1>
www.e-book.uefs.br/euclides_net
www.linguagens.ufba.br

Euclides Neto

A ÚLTIMA CAÇADA
(contos)

Seleção e organização:
Cid Seixas

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL



Obras de Euclides Neto
Volume 1

CONSELHO EDITORIAL:
Cid Seixas (UFBA | UEFS)
Denise Coutinho (UFSB)
Denise Teixeira (LITERA)
Gilca Machado Seidinger (UFSB)
Maria Luíza Nora (UESC)
Vitor Hugo Martins (UNEB)

2017



SUMÁRIO

O Contista Euclides Neto
por Cid Seixas 9

Os CONTOS

A última caçada 15
Chico Zoim 23
Briga de galo 37
Retrato de general 47
Marido Moderno 57
Conversão do vigário 65
Amores da puberdade 75

SOBRE UM MESTRE DO CONTO

Orelha da Primeira edição (2001)
por Júlia Teixeira Bussius 83

<i>Euclides, o mais próximo de machado</i> por Jorge Medauar	87
<i>Tempo de Euclides</i> Hélio Pólvora	91
<i>O tempo é chegado</i> Gerana Damulakis	97
<i>Posfácio da segunda edição</i> Cid Seixas	101



O CONTISTA EUCLIDES NETO

por Cid Seixas

No caso, a letra inicial da palavra Contista deve ser escrita com maiúscula, por uma exigência da qualidade dos textos curtos desse memorável escritor grapiúna. Embora só tenha organizado seu primeiro livro de contos em 1999, aos 72 anos de idade, depois de ter legado 12 títulos à Literatura Brasileira, Euclides Neto deve ser incluído na primeira linha dos modernos contistas da Bahia, a exemplo de Adonias Filho, Hélio Pólvora, Vasconcelos Maia e outros grandes nomes.

Já foi dito que, se a indesejada das gentes não o tivesse colhido um ano depois de concluir *O tempo é chegado*, interrompendo esta bem urdida vertente da sua escrita criativa, Euclides Neto teria plenas chances de ser reconhecido entre os melhores contistas brasileiros.

A narrativa longa foi o seu espaço inicial de criação, tendo publicado o primeiro romance – *Birimbau* – em 1946, em plena efervescência das obras modelares da geração de 45. No ano seguinte, apareceria *Vida morta*, girando em torno das desventuras de um estudante pobre e, somente em 1960 Euclides estabeleceria um frutífero diálogo intertextual com Graciliano Ramos, através do romance *Os Magros*. Até hoje essa obra reverbera o seu canto solo que sugere um dueto com a concisão admirável de *Vidas secas*.

Outros romances, entre os quais se destaca, em plena maturidade – *Macombongo* –, de 1986, confirmariam a qualidade da produção literária do personalíssimo criador de histórias das terras do cacau.

Não se pode dizer que Euclides Neto só tenha praticado o conto no final do século XX. Era um contista bissexto, com presença notável e destacada em antologias regionais. Entre essas pequenas peças, convém ressaltar o admirável conto “A última caçada”, que agora dá título ao presente volume.

Não se pode deixar de buscar uma analogia temática entre essa narrativa euclidiana e o conto

“O caçador”, de Miguel Torga. Ambos os autores, o português das montanhas e o brasileiro das roças de cacau, guardam entre si uma clara identidade telúrica: a vivência mais densa e substancial da realidade ficcionalmente recriada. Torga e Euclides têm lugar ímpar nas literaturas de Portugal e do Brasil como escritores que deram voz a milhares de homens e mulheres silenciados pela miséria e pela opressão do contexto social.

* * *

A coleção Acervo Euclides Neto foi criada pela **e-book.br**, Editora Universitária do Livro Digital, com o fim de disponibilizar na internet textos desse admirável ficcionista baiano. Embora a sua obra completa tenha sido publicada no ano de 2013 pela Edufba, a distribuição precária por uma editora de pequena circulação impede que o leitor brasileiro tenha acesso a esse pouco difundido patrimônio da moderna literatura brasileira.

Mediante autorização da família do autor, os seus textos serão aqui publicados em formato digital para leitura gratuita, sem prejuízo de novos livros impressos que venham a aparecer, para sa-

tisfação do público interessado nas edições gráficas, com seus encantos e vantagens.

A última caçada é uma seleção de contos, incluindo tanto aqueles publicados em vida pelo autor, quanto os que se tornaram conhecidos após a sua morte, em *O tempo é chegado*; reunião dos contos completos de Euclides Neto, dada à luz pela Editus, a Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESB) – que tem o mérito de ter publicado, em 1997, o *Dicionareco das roças de cacau*, no qual o ficcionista dá destaque à terminologia regional da sua gente real e dos seus personagens ficcionais.

Outros livros de contos virão enriquecer este acervo, enquanto se planeja para breve a publicação da *fortuna crítica* do autor, permitindo aos estudiosos uma visão diversificada do legado literário de Euclides Neto.

Em seguida, romances e outros gêneros de obras completarão este projeto de inserção do autor no cotidiano do grande público leitor.

A Última Caçada (Contos de Euclides Neto)

A Última Caçada (Contos de Euclides Neto)

A Última Caçada (Contos de Euclides Neto)

A Última Caçada (Contos de Euclides Neto)

A Última Caçada (Contos de Euclides Neto)

A Última Caçada (Contos de Euclides Neto)

A Última Caçada (Contos de Euclides Neto)

A Última Caçada (Contos de Euclides Neto)

A Última Caçada (Contos de Euclides Neto)

A Última Caçada (Contos de Euclides Neto)

A Última Caçada (Contos de Euclides Neto)

OS CONTOS

A Última Caçada (Contos de Euclides Neto)

A Última Caçada (Contos de Euclides Neto)

A Última Caçada (Contos de Euclides Neto)

A Última Caçada (Contos de Euclides Neto)

A Última Caçada (Contos de Euclides Neto)

A Última Caçada (Contos de Euclides Neto)

A Última Caçada (Contos de Euclides Neto)

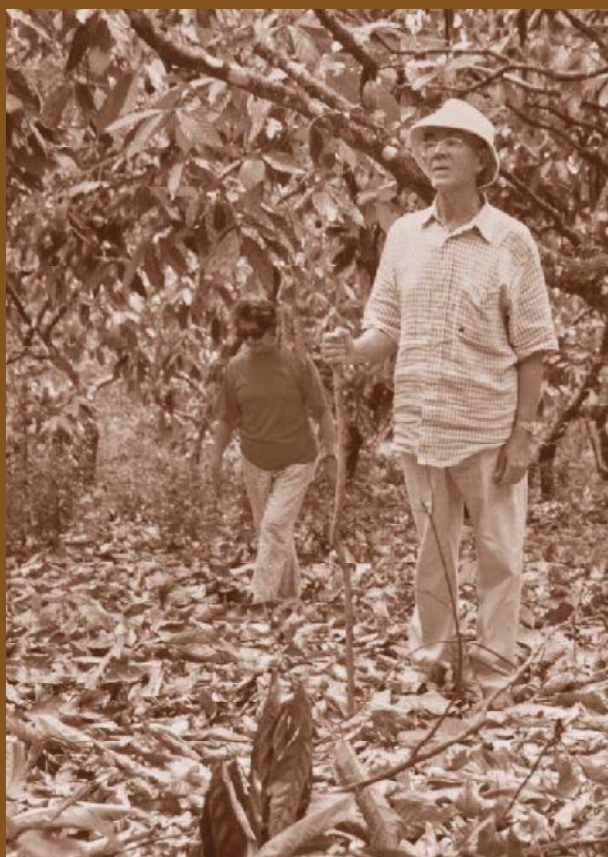
A Última Caçada (Contos de Euclides Neto)

A Última Caçada (Contos de Euclides Neto)

A Última Caçada (Contos de Euclides Neto)

A Última Caçada (Contos de Euclides Neto)

A Última Caçada (Contos de Euclides Neto)



Euclides Neto e Angélica Teixeira
nas roças que servem de cenário aos seus contos

A ÚLTIMA CAÇADA

Sentiram o lampejo no olhar um do outro. Entenderam-se tão bem que não precisaram de palavras. Quem seria mais amigo? Dizem que o cão é mais leal que o dono. Não entre o velho Clemente e Surubim. Empatavam sinceridade. Bastou aquele olhar amoroso para que puxassem uma longa conversa, lembrando caçadas.

Há seis anos viviam no mesmo quarto. O velho em cima da cama, entrevado de uma banda pela doença-do-tempo-que-passou, padecendo seus dias que iam escorrendo dolorosamente. Se estiava, levavam-no a quentar sol no peitoral, sua única distração. Assim mesmo, ficava a aparar com um pano, sempre ensopado, a baba viscosa que

escorria pelos lábios desgovernados, mostrando o velho das gengivas banguelas. Um braço caído, sem ajigo. Inútil a perna do mesmo lado. Os olhos embaçados fitavam por baixo, virando o rosto, com inútil esforço. A cabeça, pendida, parecia suportar invisível peso. Olhar penoso.

Surubim, depois que o amigo adoecera, não arredava as patas da cabeceira, em sua guarda permanente. Quando em vez, se fitavam, comunicando-se. Era uma prosa antiga, lilás, de infinita saudade.

Quiseram proibir a presença de Surubim. Levaram-no para longe, a mais de cinco léguas. Ele voltou e veio gemer no terreiro, terça noite, lágrimas pingando. O doente acordou, pediu por tudo que não deixassem o companheiro sofrer tanto. Botaram-lhe um cambão, amarraram-no no fundo do quintal. Roeu daqui, esticou de lá e a teimosa dedicação acabou trazendo-o de volta.

Houve até quem falasse em matá-lo. Estaria mordido por cachorro doido. Pura desculpa para dar-lhe fim. O velho Clemente sentiu a ameaça e apelou na sua fala de palavras tortas, difíceis de serem entendidas:

– Deixem meu bichinho... ou morro mais de pressa. É o único amigo paciente que não me larga quando fico sozinho, dia e madrugada. Os outros são visitas: chegam, demoram um pouco, por caridade, ficam cansados e vão embora.

– Está fedendo a rabugem pistiado com bicho-de-porco. Não deixa ninguém encostar na cama. Mordeu a enfermeira que lhe aplicava injeção - falara o filho.

Foi feita a vontade e a filha caçula chorou de remorso, porque era ela quem mais reclamava da presença de Surubim.

– Por tudo, deixem meu bichinho aí. Não morro sem comer uma paca levantada por ele e abatida por mim, com a minha espingarda de grande fé que está ali no tomo.

Surubim ficou definitivamente na camarinha, alforriado, botando sentido ao seu parceiro, este já de olhos assustados com a morte que o acuava.

O paqueiro levava suas vilides profissionais, orelhas rasgadas pelos dentes dos caititus, lanho fundo no pescoço. De castanho ficou ruço, cabeça de tapioca, feito o dono. De tanto as pessoas verem-no ao lado do doente, já os achavam parecidos. O velho Clemente com feições bondosas

de cachorro, e Surubim apresentava um quê de rancor humano.

O lampejo naquele instante continuava no olhar dos dois. Entenderam-se. O velho deve ter cattingado como quando ia caçar, só percebido pelo companheiro. Um ficou encandeado no olhar do outro, perdidos, na compreensão do que se diziam. Silenciosamente Surubim terminou vendo o amigo com a espingarda, e pulou em cima da cama, ganindo, voltando ao chão, correndo até a cozinha, retomando, naquele esparrame de cachorro feliz. Novamente voltou ao colo de Clemente, puxando-o, mordendo o cano da arma, latindo sempre, rindo com a cauda, disparando ao quintal com tal velocidade que lá escorregou, batendo os quartos na terra, riscando-a com os pusemos crescidos pela falta de uso, voltando em cima do corpo, enlouquecido de felicidade. Iam caçar!

A vontade do bicho fundiu-se tanto na do homem, que este já estava de capanga e cartucheira ao ombro, facão ao cinto, chamando:

– Cá, nego!

Madrugadinha. O sol rompendo as entradas da noite, melando de pitanga madura as partes nascentes. Surubim saiu na frente, na vadiação, fare-

jando o amigo, mordiscando seu rolo. Em cada pé de pau levantava a perna, esguichando gozo. Entraram na capoeira, atravessaram a mata, pegaram a serra.

Para o focinho arguto e competente do cachorro, a paca poderia ter deixado o faro há três dias. Veado mateiro, corredor fosse, dos que disparam outro tanto depois de molhar os cascos na água corrente. Qualquer vicissitude de bicho que pisasse no chão, mas seu prazer maior era sentir o cheiro perfumado de folhoso, já meio mofado, no rastro de um paca-açu, que alegria de cachorro se mostra assim. Fungou em buraco de calango-fudião-do-zói-azul. Correu por baixo de voo de nambu-pé-roxo, bestando, gastando liberdade, que ele não agasalhava fidalguia pra bicho de pena. O seu mesmo era o ligeiro da paca, carreira de muita emoção e risco nos encruado. Labuta fina.

Lá adiante baixou o focinho, farejou acreditando, fungou forte, desentupindo as fuças. Troteou. Levantou os olhos para o alto como se procurasse uma referência da partida, e pegou a trilha, que parecia um pequeno túnel no trançado do cassassá. Chão limpo, escovado, sem um talo ou cisco que dificultasse a fuga ou viagem. Para tanto, a paca é

cuidadosa. Ao contrário da cutia que leva como hábito saltar garranchos encontrados pelos caminhos. Se a paca topa um gravetinho seco de cambará, volta atrás, corta-o com a torquês dentuça, contanto que o passeio ou a carreira fiquem livres. Aquela trilha já pertencera aos antepassados de muitas eras. A bichinha andara ali há dois dias. Tinha caído uma uluvaiada de chuva, dificultando. Não era nada, não. Daria nos tampos dela. Avançou quase encostando a barriga na terra, que seu tamanho não contava vantagem para a roedora. Qualidade, aliás, do preceito. Sabia destorcer-se das maliçonas, quitaras, tiriricas, manés-veios, fechando os olhos, já tão lapeados. Estava na batida certa. Encontrou rastro fresco, da véspera, na paisagem do riacho. Ganiu nervoso, anunciando.

O velho Clemente estimulou, avisando que estava preparado:

– Ê... ê... pium! Ê... ê... pium!

Surubim falou acuado.

– Queu! Queu! queu!...

Novamente o caçador:

– Ê... ô... pium!

Sabiam que em pouco a paca escapuliria pela espirra. Paca não é inocente de ficar em oco de

pau-d'algo sem prevenir saídas de emergência, sabendo dificuldades. Espirrou num pulo, jogando pra cima o folhiço seco do tapume falso. Surubim conhecia tudo e deu carreira, batendo o ganido.

O velho Clemente puxou o gatilho da espingarda. Ficou a braça e meia da trilha, bem embaixo.

Lá vem, lá vem. Ouvia o grugrunar do animal em disparada, aflito, perseguido: ér... cré... cré... cré... aproximava-se rápido. Os olhos do caçador grudados na trilha, por onde passaria a perseguida como um corisco. Mediu um coito para cima e uma chave para frente, descontando a velocidade da carreira, tudo visando a volta-da-pá. A roda do chumbo cabeça-de-macaco seria pá-casca.

Há quem diga que houve até um tiro. Tanto que correram ao quarto de onde vinham os latidos angustiados de Surubim, que já não era mais na batida da paca. Olhava seu amigo, que foi virando a cabeça, tentando com a mão direita segurar o braço esquerdo, derreando o corpo espumando, suando muito, até que deitou-se meio de bruço, desgovernado, dormindo na mira.

Foi a última caçada do velho Clemente e seu cão Surubim.



CHICO ZOIM

De tão grande, a divisa da mataria era o horizonte cinza. Mais longe ainda, começavam os sertões onde o vaqueiro Guimarães Rosa, acompanhado da camarada Diadorim (salvo seja), vadeava o Urucuia, montado no burrinho pedrês, até chegar às cabeceiras do Cochá, à sombra dos buritis tesudos.

Apareceu um goiano, andarilho que procurava o destino perdido. Tomou-se político no município de Manga, que bebia no rio São Francisco.

Com pouco tempo, brigou com o prefeito, e numa terça, noite de muita escuridão, apanhou (os contrários diziam roubou) tudo que havia na prefeitura e sumiu. Pra onde? Pra o miolo das matas,

à beira do rio Cochá, distante do rio Carinhanha uma marcha de vaca parida. No trançado das aroeiras, paus-d'arco, itapicurus, paineiras prenhas e floridas de rosa despejou a tralha oficial – da mesa do intendente a uma máquina de escrever, a única daqueles franciscanos caminhos d'água.

Sabia que viriam buscar o que fora trazido. Como esperava, chegaram os homens de confiança do chefe de Manga. Houve o tiroteio, que nem vale a pena contar mais, tantos foram os contados depois da pólvora. Antônio os mandou de volta, enxaguando com sangue o rastro deles.

Abriu-se a clareira, ainda na quadra sem chuva. Nem casas precisavam para abrigar os trastes e gente. Pensar nelas só quando os relâmpagos e trovoadas mandassem positivo anunciando os aguaceiros, lá para o mês de outubro. Era junho. Muito tempo ainda pela dianteira.

Os tais pés-d'água já encontraram casas, que a notícia andou de três pés e muito vivente apareceu em procura de um taco de terra. Batizou-se de Montalvânia o novo arrabalde, festejando Antônio Montalvão, o que agora achara o destino.

Novas correndo trilhas, no lombo dos cavalos, na canela dos homens, na barriga dos barcos e

canoas. A mando de Deus estão distribuindo as matas. Tem arrancho pra todo mundo. Em notícia boa, todo desesperado acredita.

Estou me apressando no contado, porque tem muita coisa pra dizer e o que interessa mesmo é Chico Zoim.

Mas, aconteceram coisas que não podem ser guardadas. Uma delas é que Montalvão resolveu emendar o seu arruado à Brasília, caminho de cem léguas bem puxadas. E o que resolvia estava feito. Convocou vinte homens de muque e valentia e lá se foi desconhecido adentro, abrindo o vaquejador. Levava machados, facões, foices, enxadetas, pancas de aço, picaretas, para abrir a rodagem. O destino estava de um lado do sol e Montalvânia do outro. Para chegar lá, farejava o poente e, na volta, rastejaria o nascente.

Farinha de milho carregava num jegue e o resto da bagagem em outro. Sem falar na jeguinha felpuda e doce, de nome Corrupio, que trazia rapadura. Os dois animais eram capados para não esguritar no alvoroço das trovoadas. Carne, pouca, pra não fazer peso e volume. No roteiro, os caíditus, veados, tatus, tamanduás. Sem falar nos ovos de ema que não se contavam. Era a natureza

sem medo da presença dos primeiros homens, bichos também.

Logo depois do Cochá, cochilava a planície dos gerais sem fim, coberta com o mato fino e ralo, facilitando o serviço.

Passou um ano. Dois. De fêmea, só Corrupio. Faceira e dócil. Também ela não precisava de esguritar no mundo, atrás de amante. Tantos homens existiam ali, furiosos como jumentos colhudos. Apagavam os seus calores e os deles. Montalvão previra tudo. Mesmo assim, os companheiros queriam voltar. Deixaram filhos, mulheres, namoradas, pais e amigos. Alguém falou em fugir, o chefe soube e sentenciou: vou nos tampos e mato. Já comiam somente carne de caça. Faziam café com cipó. Venda, naquele ermo, nem pensar. Se pelo menos topassem a bagagem de Riobaldo e seu Guimarães Rosa sabiam que um pouco de açúcar, sal e fumo de rolo teriam. E espoleta, chumbo e pólvora, pois que só tinham agora comida com as armadilhas de laço e de bater. Mas aqueles sertões e veredas dos buritis ficavam distantes dos pousos do boiadeiro.

Não era o medo da pistola de Montalvão que segurava a sua tropa. Pela arma, bastava tomá-la.

Dezenove cabras contra um. Mas a força do goiano estava na fama de corpo fechado, capaz de tudo, e contra quem seria impossível lutar. Do homem que saía pelas serras, invadindo as grutas mais fundas e perigosas, moradas de onças, cavando e descobrindo garatujas de outras eras, mostrando aos homens o caminho do umbigo do mundo – Montalvânia. Todos acreditavam. Tinha poderes encantados, Antônio Montalvão.

Levaram três anos até o fim da empreitada. E o jipe saiu de Brasília e chegou de volta, já encontrando uma capela, ruas, escola, cumprindo ordens deixadas. Outra coisa que não vou descrever é a chegada do pioneiro. Se quando aparece um político qualquer, é aquele foguetório e discurso e bandeirola, imagine-se Montalvão aparecendo em quatro pneus depois de tanta saudade. Corrupto, que saíra donzela, estava mulher feita e, como os jumentos, foi enfeitada com flores. Até apareceu um patriota mais afoito que sugeriu cobri-la com a bandeira nacional. O padre alemão não deixou. Também foi o religioso quem apartou uma briga feia: um mais patriota, quando ouviu o hino nacional da vitrola, pegou uma moça e saiu dançando; outro herói, emocionado, chamou a atenção do

desrespeitoso dançarino e partiu pra cima dele, já de pistola em riste, aos berros:

– Você não sabe que é minha dona? Quem vai dançar com ela sou eu.

Apaziguado o desentendimento, todos bailaram o ouviram do Ipiranga.

Terras fortes, antes sem dono, foram abertas a perder nos seténs de mundo. Chegaram João Soares, Chico Reis, José Crispim, Juarez, Cachuíte. Derruba da mata, queima, plantação de milho e capim na mesma cova. Um e outro saíam no destemperado da sustança do chão. Correram as cercas de achas de aroeira, currais de âmagos escolhidos para nunca mais acabarem. As sedes das fazendas, já podendo até hospedar gerentes de bancos, que logo começaram a aparecer juntos com as lagartas cortadeiras. O milho ninguém colhia, porque não havia comércio. Somente se quebrava o necessário para as criações miúdas e seus donos. O gado é que enchia a pança com tudo, misturado com o coloinha e jitiranas, engordando, parindo como nunca se viu. A fartura era tanta que não se comia fato e os couros ficavam onde eram sangradas as reses. Também não se engordava boiada, nem vaca tinha preço, nem bezerras fêmeas. Não valiam nada

naqueles perdidos. Só os bezerros machos eram vendidos para a recria nas invernadas dos outros estados. Nas panelas de ferro cozinhavam os bois mansos que não aguentavam mais trabalhar de gordura, empurrando virilha, criados aos milhares para puxar carros, madeiras e pedras. Também se aproveitavam novilhas maninhas, se maninhas havia naqueles climas em que a reprodução explodia em todos os viventes, pela força de todas as luas – podia ser também bicho-gente.

Depois chegou a riqueza. Muitos automóveis, deixando para trás a cantilena dos carros de bois, que percorriam até sessenta marchas. Vaqueiro tocava boi hoje, amanhã entrava num pedaço de mata. Daí a pouco tinha pasto e criações. Era só aumentar a gleba e virar fazendeiro. Chuva não faltava: seis meses de molhação e a outra metade do ano estiado, o que facilitava o trabalho. Nunca ninguém viu, nem por castigo, chover quando devia estar seco e chuva deixar de cair no tempo certo.

Aí é que aparece a nossa personagem Chico Zoim. Não foi pra lá porque fugia de crime de morte, o que começou com o goiano, e era muito comum, dado aos escondidos da margem do

Cochá e lapas de pedra. Dizia-se que o chegante, ali corrido, podia até dar o endereço, que ninguém achava. Exagero. Mas quem fosse para os lados da Serra do Ramalho não seria encontrado mesmo. Chegados por lá, recebiam agasalho. Ladrão é que não aparecesse. Quem roubava tinha o destino de porca que come galinha. Depois, nem se comentava quem, por quem, por que e onde. As casas podiam dormir escancaradas, o gado solto nas matas, para descansar os pastos. Os porcos desapareciam nos umbus e voltavam no tempo certo. Nada sumia, salvo pelos dentes das pintadas, que outra história já daria se delas fosse falar – tal a quantidade que trilhava por aqueles mundos.

Fama de riqueza. Ficar milionário, tocar o berante chamando os ambiciosos.

Chico Zoim não escapou. Ouviu a notícia. Já tem muito carro, tratores. E, por falar em trator de esteira, a distração preferida da cidade era apreciar a briga deles, batendo lâminas como marroeiros, medindo forças. Na praça principal. Esporte inventado ali, por falta de outro. Mas só aos domingos.

Zoim era mecânico. Aprendera a arte com seu irmão Alírio, o maior que já existira em Ipiaú e

léguas em volta. Bastava ouvir a virada de uma chave ou silêncio de um arranque preguiçoso e já diagnosticava onde a máquina sofria. Até gostava mais de defeito complicado, para mostrar ciência.

Surgiu em Montalvânia como um herói. Lá não existia nenhum mecânico de verdade. Passou a ser a criatura mais importante do lugar. Deram-lhe casa para morar, galpão para a oficina, afeição como os do lugar sabiam distribuir. Pagavam o que Chico entendesse. Compraria fazenda, certamente. Os mais ligas indicavam umas. Propriedade feita ou ainda em mata, com poucas abertas, que sairia mais barata. Surgiam as perguntas. Onde ele guardava tanto dinheiro? No banco não era, pois ficava muito longe dali. Na mala poderia ser. Enterrava? Só gente velha, fazendo véspera para voltar à terra, imagina que o dinheiro enfincado no chão será encontrado depois da morte.

O que mais intrigava é que Chico continuava com a mesma roupa que trouxera. A graxa já tinha mudado a cor do tecido grosso. Ficara negro e seboso. A camisa, de tão rasgada, nem mais era vestida. O luxo, uma sandália de couro, também curtida no óleo. Bebia cada vez mais. Chegava a cair na rua, mastigar copo de vidro e boca de gar-

rafa. Felizmente, responsável pelo zelo do seu ofício, quando estava de fogo respeitava os pacientes de ferro e aço. Esperava passar a carraspana e voltava ao que sempre fora e amava com muito gozo.

Tem tanta coisa para contar de Montalvânia que a gente vai se esquecendo de muitos importantes. No mesmo dia de Chico, apareceu um cidadão lorde, se dizendo doutor. Como quem não tem cachorro caça com gato, e ali nem gato existia no ofício, salvo as parteiras, curadores e rezadeiras, o doutor Virgílio começou a exercer o ofício de sarar gente. Pegava parrelha com Chico na competência. Tanto que fizera uma cesariana com a paciente em cima de um carro de boi, debaixo do juazeiro da estrada. Salvou mãe e filho. Tempos após, quando apareceu um médico formado de verdade e mandou levar uma mulher para Brasília, com o filho atravessado na madre, e ela morreu no caminho, teve de ir embora. Médico mesmo era o doutor Virgílio, que não escolhia onde e o lugar do corpo do doente para meter o canivete.

Volto atrás. Chico ganhava o que queria. Só ele dava jeito nas cesárias das máquinas, das bombas de puxar água, arrancando as enfermidades.

Como a humanidade é assim mesmo, passaram a falar dele por inveja – porco, que nem banho tomava, unhas encardidas e sovina. Faziam a festa. Não compra roupa porque quer adquirir a fazendona de João Soares, como chegou a dizer em uma das suas bebedeiras no Boteco do Feroz. Estava ali a razão de tanta economia e mão de papagaio no arame.

Um dia Zoim resolveu voltar a Ipiaú para visitar os parentes, disse ele. Comprou roupa e carro do ano. Já estava casado e levou também a mineira para conhecer os seus. Moça prendada, de bordado fino e costura, como as outras do lugar, capazes de lavrar o algodão, fiá-lo na roca, tecê-lo e costurar toda a roupa da família - roupa do corpo, cama e rede. Ficaram com medo que Chico Zoim, portador de uma instalação do olho quebrada, daí seu nome, não voltasse. Estava rico, compraria fazenda na sua terra. Nem precisava mais de pegar na chave de fenda.

A conversa em Ipiaú era que o ajudante de oficina de mestre Alírio chegara sem ter onde botar mais dinheiro, montado em carro novo, mulher filha de fazendeiro de gado do Norte de Minas Gerais. Sabiam-no tão afortunado que as ofertas

de roças de cacau choveram. Até gente muito importante, que não achava mais negócio pelas suas terras, o procurava, insistindo. A riqueza toda que deixara, cacauicultores (antes passaram a ser assim, por fidalguia), com aviões no hangar, casas de luxo na cidade e mais ainda nas fazendas, sem contar apartamentos de cobertura em Salvador, desapareceu. Encontrou um cemitério de tristes, angustiados, fantasmas queixando-se nas esquinas, nas portas dos bancos praticamente fechados e sem funcionários, que as demissões jogaram na cesta de lixo. As ruas vazias. Muitos nem saíam mais, nem iam às fazendas, ficando em casa curtindo a desdita. Só o pessoal dos cargos públicos comprava nas lojas e supermercados. As fazendeiras e filhas, antes passeando no exterior, dirigindo carrões com luvas de pelica, abriam negócios modestos que apelidavam de butiques, logo falidas. Os rapazes inauguravam barzinhos nas pontas de rua, quebrando também. Muitas casas, inclusive comerciais, com a placa na frente: “vende-se”. Quem imaginaria que a crise prolongada destruísse cidade tão próspera, onde o Banco do Brasil tivera a Carteira Agrícola mais movimentada do estado?

Em momento de muito copo engolido, passou pela cabeça de Chico comprar uma das maiores fazendas da região. Se todos ofereciam, é porque sabiam que ele tinha recursos para tanto. Mas só queria a melhor de todas: palacete na sede, quinze barcaças, duas estufas, mangueiras para gado de leite e animais de serviço, asfalto na porta, luz elétrica, mobiliário feito com carvalho vindo de Portugal. E podia comprar mesmo.

Resolveu voltar a Montalvânia. Do que adiantava aquela riqueza toda do cacau antes, se a miséria agora farejava exatamente os mais ricos? Era um pesadelo. Seus companheiros mecânicos estavam parados, todos os trabalhadores sem o que fazer. Postos de gasolina também fechando. Um cemitério de vivos, pensando que ainda existiam.

No retomo, teve até almoço e discurso para recebê-lo. Não fosse a sovinice e a cachaça, bem que poderia ser prefeito.

Chico Zoim deixou de beber. Um milagre. Diziam que foi uma rezadeira baiana, de nome Mineirinha, quem tirara o vício. Deu para andar limpo, pensativo, sério. Tinha alguma coisa de muita dúvida na alma. Não queria terras, gado, fortuna. Para viver feliz, desejava somente a famí-

lia, os amigos, uma casinha, a oficina e que não me falte serviço, repetia. Me deu muito trabalho e sofrimento não ficar rico. Venci.

Agora, no jardim, feito de um pedaço da antiga mata, para que todo mundo arregalasse os olhos de espanto, puxava cédulas do bolso, e dizia muito manso:

– Não preciso de tanto dinheiro. Ganhei duzentos. Só vou precisar de cem.

E rasgava o resto em folhinhas de angico.

BRIGA DE GALO

Construída a rinha, esporte e jogo mais apreciados em Ipiaú. Sem a grandeza dos tempos das safras ricas do cacau, continua frequentada. O pavilhão, doado pelo fazendeiro Ananias, vende os bilhetes de entrada por um buraco que se abre em meia-lua na parede da frente. Quem atravessa a porta dá logo com a cadeira do juiz sobre um estrado alto e estreito – um trono. À frente dele, a arquibancada circular em volta do rebolo maior, parecendo um prato fundo, piso e encosto acolchoados para aliviar os choques dos lutadores. Junto ao rebolo onde se iniciam as disputas, ficam dois menores. Ao fundo, o terreiro, cercado de jigos (apartamentos individuais para agasalhar as aves que pernoitam antes dos embates), e as gaio-

las para que as aves quentem, tomem sol no gramado. Aí ficam sempre sob a vigilância dos donos ou tratadores, que recebem um cadeado e chave, a fim de evitar malvadeza dos adversários.

Gladiadores que aparecem ali já estão consagrados. Não era pra qualquer galinho-terra. Naquele dia, além de muitos, dois chamavam a atenção: um pela qualidade da fama e raça, o outro pelo dinheiro que o dono arriscaria nas apostas, segundo correu logo a notícia. Arranca-olho e Lampião iriam se enfrentar.

O primeiro vinha de linhagem pura, japonês, elegante e fidalgo. Desde os avós. Nasceu em chocadeira, passou ao berçário, luz elétrica no lugar do calor cheiroso da mãe, ração no balanço de alimentos finos. Ainda buguelo, foi separado dos irmãos, porque brigavam entre si de arrancar o couro da cabeça, até aparecer o miolo – raça feroz. Quando chegou o tempo, já de espora, cantando limpo, começou a testar, usando buchas de couro nos esporões. Minutos de briga no treino semanal, já de coxas despenadas, comida de mandioca pancaré, no capricho, tomando o sol conveniente, amarrado no tarugo enfincado no chão. Enrijecendo e avermelhando o couro. Assim cres-

ceu, se preparando para grandes enfrentamentos, quando iria desmanchar os outros em duas batidas, como um marrão em rocha, fosse. Mas sempre aparecia um teimoso ou desavisado, sonhando em derrubar o bruto. Vinham de longe, trazendo os afamados. Arranca-olho também viajara de avião no tempo que fazendeiro de cacau era gente e tinha bimotor cruzando os ares como andorinhas, nas traquinices de mostrar dinheiro e fazer figura. Foi a Barreiras, bateu-se com outro importante. O de lá não aguentou dois paus. Nem passou ao segundo rebolo. No primeiro mesmo, Arranca-olho enfiou as armas no bugalho do adversário que só fez dar o quiaiu! da covardia. Caiu adiante, já lavando os pés.

Chegou a um ponto que ninguém competia mais com o perverso. A notícia correu seténs de mundo. O dono, o orgulhoso seu Afonso, cortava penas de um lado, sujava outras, mudava a espora, aparava o cabo, para despistar. Mesmo pelas redondezas mais distantes não conseguia enganar. Os ingênuos perdiam apostas, coculando os bolsos do galista e o peito do herói de medalhas. Felizmente havia os que o identificavam até pela maneira brutal de cravar os punhais no gogó do outro, descangotando, escorrendo o mel.

Lampião nasceu no mato, atrás de umas pedras, no escondido do trançado da moita de juá-mirim. Quando a galinha mãe chegou ao terreiro com a ninhada, a dona, agregada do seu Joventino, só fez jogar uns punhados de crueira já fermentada. Bem verdade que era filho de um pernambucano posto na criação, mais pra botar carne que para deixar raça de briga. Era de ver o zelo com que a choca agasalhava seus lanzudinhos. Para fortalecê-los e livrá-los das malditas pixilingas, continuou dormindo no lugar da tiração.

Imagine-se, então, o que não aconteceu com o tolo que levou Lampião, galo-terra, à Ipiaú. Não sabendo de nada, assistiu à pesada dos lutadores. O seu, um pouco mais leve que Arranca-olho, porém mais parrudo. Colocaram os dois em cima da mesa. O japonês arrepiou as asas, crescendo na altura. Seu contendor, menor ainda, na sonsidade e treta. O juiz, como todo magistrado justo, passando a mão no pescoço das aves para conferir se passaram óleo. Alertou que ambos deviam ter o mesmo peso.

A regra aceitava diferença de alguns gramas. Mas havia, realmente, quase meia libra contra Lampião. O dono, coitado, sem nada saber, aceitou as

condições da briga. Só ele tinha fé no seu galo caboclo, bico curto, crista em serrilha das não recomendadas, cauda arrebitada sem estar na altura e prolongamento, em linha reta, do encontro das asas. Até arrastava uma meia foice. Nem tivera a precaução de operar aquela crista, tirando-lhe o excesso. O pé-duro chegou seguro por baixo dos peitos, com as pernas caídas, deslembreadas. Viera numa veraneio nova, fedendo a alho, que riscou os quatro cascos na frente da rinha. Pelo carro, se avaliava a fortuna do galista, ainda que cacau já estivesse desaparecendo. Placa de Camacã. Dois quebra-facas do patrão, que só faziam tratar dos galos, inclusive dos mais de duzentos que ele criava na fazenda, e acompanhá-lo nas valentias das lutas. Em volta, a gritaria das ofertas, para casar as apostas.

Antes, estranharam que ele – o galista de fora – não hospedasse o animal em um dos alojamentos. Soltou-o ali mesmo na grama, deixando-o ciscar e abaixar duas galinhas do vigia da Exposição Agropecuária, onde ficava a rinha.

Será que o coronel, apesar daquele brilhante olho-de-boi no dedo, tem coragem de botar esse come na garrafa pra desafiar Arranca-olho? Mais

admiração causou quando ele jogou o chapéu cheio de dinheiro no meio da arena. Colocaram em Arranca-olho os punhais de aço no lugar dos esporões. Forraram o bico no mesmo consoante. Lampião mal levava a devoção a São Francisco de Assis.

Quando os lutadores foram colocados cuidadosamente no tambor, não teve esse negócio de baixar a cabeça, fingindo procurar o que não perdeu, medindo o inimigo. Jogaram bico. Começou a pauleira. As apostas choveram. Joventino de Camacã pagando dobrado, cobrindo-as naquela algazarra que só os apostadores entendiam, parecendo, com licença da ousadia, a bolsa de Nova Iorque:

- Vinte pra dez.
- Quarenta pra vinte.
- Cem pra quarenta.

Rolaram quinze minutos. Os lutadores foram borrifados com água pelos jóqueis. Todos tomavam nota em papeizinhos das apostas fechadas.

O juiz já tinha recebido as duas primeiras e até separara os dez por cento da rinha. Agora, só fazia presidir a luta.

Joventino arreliou:

– Quem quiser ganhar dinheiro aposte no meu galo. Pago dobrado qualquer lance. Já que aqui não tem homem pra sair comigo... pensei que ia encontrar galista de coragem...

Os brios dos da terra se incendiaram. Coitado do mestição. Arranca- -olho lhe aplicou uma pegada no pescoço e ele já sentiu a esguichada de sangue tapando-lhe a vista. O malvado caiu em cima como carcará estraçalhando a presa.

As apostas por fora, que não pagavam as porcentagens da rinha, eram muito maiores.

Nesse meio tempo, um gaiato denunciou que viu o galo de fora tomando uma pílula. Confirmada a mentira, foi expulso, obedecendo a rigorosa ética daquele pretório.

– Nem adianta apostar nesse troço, agrediu alguém. - Esse velho tá louco!

Já corria muito dinheiro nas apostas. Os de Beira Rio não entendiam mais nada. Começaram a arriscar pesado contra o forasteiro. Seu Joventino só acreditava em dinheiro casado na mão do juiz. Ou cheque garantido.

Não podia ser. O pior é que os empregados do fazendeiro começaram a apostar contra Lampião confundindo os apostadores ou, quem sabe, para

compensar a derrota, truque muito usado naquelas ocasiões. Tudo de língua passada. Nada disso. Arranca-olho também arrancava o bico do outro. Foi o que fez agora, engolindo uma das armas principais do adversário. O magistrado permitiu que o ferido fosse cuidado pelo jóquei, que fez um implante com uma peça de aço.

Nada foi nada. Já no segundo rebolo, se venciam o tempo. O segundo, já estava sendo ocupado por novo par. Ninguém assistia nem apostava nele. Os primeiros galos, barrufados dentro do preceito. Lampião se sentou em cima da cauda, tática malandra, e esperou o outro. Aí é que foi a perdedeira.

O tataú, já sabido campeão, cravou os punhais no olho do infeliz e presunçoso filho de Camacã. Este caiu, dado como morto. O jóquei tirou Arranca-olho e o juiz marcou um minuto para o derrotado ficar em pé. Quem nunca viu coisa rezada em rinha de galo, assistiu: Lampião aprumou-se, ficou orando, bico voltado para o telhado. Logo depois, conseguiu meter a cabeça entre a asa e o corpo do outro, usando sua técnica costumeira, chopando com um golpe desmarcado o tutano do inimigo. Ouviu-se o quiau! do derrotado, já lavando os pés no meio do rebolo. Mas galo daquela

raça não corre. Mesmo assim, levantou-se aos tombos e não teve tempo de sentir a desgraça que lhe acontecia. Lampião o aprisionou pelo cocuruto, fê-lo (em rinha se usa verbo assim?) deitar-se como as galinhas que há pouco cobrira.

Aconteceu a mais vergonhosa derrota que já se viu em briga de galo. Arranca-olho, já agora arranca-coisa-nenhuma, sendo abaixado como uma franga donzela. Lampião soltou o canto mais longo e forte da sua vida. Nem o pessoalzinho da ponta de rua que levava as vítimas às panelas quis comer aquela carne desmoralizada.

A epopeia termina aqui, contudo é bom contar como Lampião foi criado. Começou a voar ao poleiro, quando os irmãos nem alcançavam ainda o galho mais baixo do cacauero. Ainda novinho, no instante em que os irmãos eram perseguidos por cururu, papa-pinto, rato-bandola, sariguê nem se fala, gavião de toda vicissitude (o nanico ripina, o peneira e até o carcará que não tinha vergonha de matar e voar pelos ares com as criaturinhas de Deus), ele já sabia ficar rente com a terra, debaixo das ramas, se escondendo deles, como a mãe ensinava naqueles piados aflitos. Ela, bem verdade, era valente. Gato-do-mato, e levantado de casa, até

pior, enfrentou. Brigava com raposa e cachorro. Arregaçava as asas e era cacetada para todos os lados. Até que Lampião começou a lutar também, ajudando. Um dia, foi com uma rabo-branco, cobrinha do tamanho de uma isca de pescar, no entanto capaz de derrubar com seu veneno um boi. Já tinha aprendido todas as negações da mãe (com licença do modo de falar). Pegou a jararquinha pelo meio, desviando-se dos pequenos botes e, com duas sacudidelas firmes, a dividiu em dois espinhaços presos somente pelo couro. Não contou prosa: passou-a no grelão, engasgando e desengasgando, engolindo e desengolindo. Aprendeu a arte: jararaca-do-campo, duas-cabeças, cobra-cipó, coral, mesmo das brabas, ia tudo pra moela. Quando cresceu, Lampião foi vendido para o patrão da sua dona, que o viu brigando com peru e terminou derramando o papo do orgulhoso no terreiro. Ao falarem em apartar, o fazendeiro, galista como se sabe, disse que pagava o galo e o peru morto. Bicho daquele não podia ir à panela, só porque matava pato, ganso e peru de pescoço pelado de gordo e erado.

Hoje se quer saber o mistério. Ora, ora, foi muito veneno que comeu quando buguelo, e, depois, já de canto rouco. Encantou.

RETRATO DE GENERAL

Saiu da cidade de Beira Rio ainda rapaz moderno. Sonhava com horizontes de astronauta. O destino lhe reservava um futuro que ali não realizaria.

Partiu, deixando as lágrimas dos parentes, da pobre mãe viúva, que não suportaria a separação, sobretudo sabendo que o filho abraçaria a vocação das armas, sujeito aos riscos dos campos de batalha. Ninguém segurou o afoito Hermógenes – afoito e determinado. Mas era o destino, o chamado imperioso da Pátria, mais forte que qualquer outro sentimento.

Quando chegou a São Paulo, alistou-se. Tinha porte suficiente e até desenvoltura para cumprir a nobilitante tarefa.

Passaram-se anos. Cartas vasqueiras para a família, que só faziam arroxear as saudades e o desejo de revê-lo, contando o sucesso nas trincheiras, com vitórias sempre minuciosamente descritas. Se mais não escrevia, justificava-se: era devido à constante remoção para frentes de operações, cada vez mais distantes e perigosas. A velha mãe orgulhosa do filho, que se celebrizava. Graças a Deus viveu ela o suficiente para vê-lo retornar coberto de glórias.

A prova do sucesso ali, no retrato que trouxera, mostrado na moldura doirada e oval, medindo, sem exagero, quatro palmos de comprimento e três de largura. O troféu tomou imediatamente lugar de destaque na sala de visitas, bem no centro, entre os avós enterrados lá fora, numa fazenda chamada Jenipapo. Até uma bela imagem do Senhor do Bonfim foi deslocada do seu aposento para agasalhar o ora vizinho de parede, em toda a sua pompa, honrando o espaço.

A cidade, que deixara acanhada, duas ou três ruas compridas, beirando ou paralelas ao rio de Contas, crescera: novos bairros, casas comerciais e bancos, clubes, antes inexistentes. Também ele mudara: encorpou, mais corado, nariz forte de

boxeador. Como relíquia dos campos de batalha, uma cicatriz na sobrancelha esquerda e outra, bem mais funda, na queixada. Orgulho de um militar que arriscara a própria vida em defesa da pátria estremeçada.

O retrato não era uma fotografia comum. Vestia-se com farda de gala, botões rebrilhantes que se encarreiravam do gogó às partes baixas do pente. Olhar de Napoleão montado à frente das tropas vitoriosas. Os alamares combinavam com os botões. Na gola, os ramalhetes também de ouro. Caindo dos ombros para os braços, os trancelins vermelhos. Não levava quepe. Mostrava um cabelo repartido e engomado. E o bigodinho em linha.

Como todo guerreiro que volta à casa materna, desfiava as lutas, o matraquear das metralhadoras, os atos de bravura. Tudo confirmado pelas meda-lhas que se dependuravam do peito – de todos os tamanhos e cores.

Retrato de general. Só podia ser.

Quem visitava a família, era logo conduzido à sala e ouvia os relatos dos feitos consagradores. Como quem conta um caso aumenta um tanto, a fama de Hermógenes foi crescendo, disparou nos

lábios de quem os recontava. Houve homenagens, almoços, discursos inflamados no Rotary, glorificando o filho da terra, orgulho da sua história. Um vereador entusiasmado sapecou o projeto do seu nome em logradouro público, que começou em beco General Hermógenes, e passou a praça de muito destaque na cidade. Escolas também foram batizadas. Se aparecia autoridade de fora, ou aconteciam reuniões de mesas floridas, o ilustre homem era o primeiro a ser chamado para compô-las. E não era esse negócio de ser incluído no bolo de autoridades representadas, civis, militares e eclesiásticas. Nunca. O nome era citado com a cadência e sonoridade da sua magnitude, com adjetivos coloridos. Houve até quem o convidasse à mesa com um honroso: Magnífico Hermógenes Caldas Valverde. Esse negócio de general ficara pouco.

Nessas ocasiões trovejavam as palmas, quase sempre de pé. Garboso, lá se ia a figura tomar assento à mesa, ao lado do presidente, quando não o substituía, em subida honra.

Conquanto a cidade tenha crescido, entrava agora na dura dificuldade do sol, das doenças do cacauero, dos fazendeiros nas teias dos débitos.

O graduado militar aumentava mais o seu prestígio pela decadência reinante.

Terra dos genros, dos ricos e afamados casamentos, automóveis de luxo, dos aviões para visitar as propriedades agrícolas (nem se chamavam mais fazendas), tudo parecia um tempo vencido, como sempre acontece na decadência das nobrezas.

Com a chegada da quase miséria, os genros foram largando as filhas dos cacauicultores (nome também inventado, para indicar os nababos). Restaram os netos dos desenlaces. Muitas mulheres, retomando do Rio de Janeiro ou de Salvador, sobreviviam, atrás de novo casamento ou mesmo de aventuras amorosas, já que a carne gania. Decaídas, nem tanto. Invés de contas bancárias rechonchudas passaram a minguidos reais conseguidos com a venda de joias, mobília e o que mais pudessem passar adiante. Como não mais podiam comprar roupa, mesmo as singelas, era comum vê-las de paetês e sedas finas, nas reuniões da cooperativa dos cacauicultores, também falida, usando os vestidos de grife, usados nos salões da Corte. Algumas até sofriam a humilhação de trabalhar para sobreviver. Os maridos, rapagões de cabeleira

pintando a idade, desapareceram, sem nenhuma condição de dar mesada à mulher e filhos. Se eles viveram até ali dos cheques do sogro, como poderiam tê-los agora quando as estufas e barcaças estavam vazias? Queriam se ver livres do fardo incômodo das esposas já envelhecidas e, sobretudo, pobres.

Sobrava, portanto, mulher largada. Algumas ainda aproveitáveis, mas machucadas pelos desregramentos da cidade grande. Como viver como se viúvas fossem, algumas até honestamente, mas ainda apaixonadas, saudosas, minando as lágrimas? Outras, logo tiravam o luto e caíam na gandaia, conseguindo horas extras no colchão dos rufiões.

No entanto, o que nos interessa é o brioso Hermógenes. Voltara com os cinquenta anos, cabelos já alvações. Seu nariz de lutador de boxe e a competente barriguinha de militar descansado atraíam a cobiça das mulheres dos genros.

Até que se aproximara de uma delas. Queria construir um lar. Em São Paulo, justiça se lhe faça, não era muito de procurar as sirigaitas, conquanto algumas tenham passado pelas suas aventuras na cama.

Agora, não. Seu nome famoso cobrava casa, esposa e filhos. Daí as mulheres largadas, pencas delas, apaixonadas pelos seus galões. Uma mais poética tentou conquistá-lo lembrando que a natureza enfeitava os pavões, galos e aves machos, para atrair as fêmeas. Estava deslumbrada com o militar coberto de glórias e medalhas. Chegou a se instalar uma discreta guerra fria entre o mulhério, cada uma disputando mais o oficial. E ele, sobranceiro, altivo, não se deixava levar pelas dodivanas passadas pelo cabo da mula ruça. Recusava-as com desdém, ainda que delicadamente, como mandava a boa educação. Despeitadas, chegaram a levantar suspeitas pela integridade masculina do cobiçado varão. Vingança besta, já se vê, de mulher rejeitada.

Assim não aconteceu com Julieta. Assim, não, mintto. Julieta não era mulher largada. Fazia parte de uma ninhada de irmãs, ela já na beira dos trinta anos, de beleza indefinida como essas de pintura moderna, que a gente não sabe se é o belo ou borrão de tinta. Simpática e prendada, moça de bastidor e agulha de crochê na mão a completar o orçamento doméstico com seus rococós. Longe de ser janeleira. Tímida, não correspondeu às insistências de Hermógenes – era gente importante

demais para o seu bico de costureira. Mas um dia – tudo tem um dia – passou pelo passeio da casa dele e olhou para dentro da sala, cujas janelas se escancaravam para a rua. Lá estava o retrato. Irresistível. Foi a perdedeira. Aliás, mulher alguma resistiria à farda resplandecente. Era tarde. Ele se lamuriava, queixando-se que o interesse acontecia pelo seu posto, que as levava a desejá-lo tanto. Não existia amor.

Com Julieta foi diferente. Incendiou o que se chamava paixão no tempo que existia tal bobagem. Daí veio o casamento. Festão. Filhos.

Não se sabe bem por que, o tempo apagou o fogo do amor. Dizia-se que as largadas pelos genros caíam em cima dele com tal fúria que o nobre militar não tinha como resistir. Mais uma abandonada. Julieta, injuriada, foi morar longe, nos confins do Pará, chamada por um tio. Fugia do ingrato que lhe dera, não a felicidade, mas a desdita de vê-lo atrás dos rabos de saia.

Pena que não se possa narrar os detalhes dessa longa epopeia, que encheria um gordo romance de fôlego, lágrimas e aventuras.

Por lá, Julieta, ainda carnuda e suculenta, conheceu um fazendeiro solitário, com quem se ca-

sou na tinta e papel, ajudada pelo divórcio que deixara para trás. Não tivera mais filhos. Os de Hermógenes cresciam, foram à escola, frequentaram a Universidade em Belém e se formaram, adotados pelo padrasto.

Um dos rapazes, médico psiquiatra, sofria da síndrome de quem não conhecia o pai e o procurava. Ainda menino, perguntava insistentemente onde ele estava. Com o tempo, engoliu a desilusão de encontrá-lo. Nem uma fotografia, um objeto que o lembrasse. Julieta não guardara nada. Cortara a decepção pela cepa. Honestamente dizia, sem maiores explicações, que não valia a pena conhecer o pai, já que agora, sim, agora tinha quem verdadeiramente cuidava deles.

Mesmo assim, o psiquiatra escrevia para Beira Rio, procurando desvendar seu mistério maior e pedia uma lembrança, qualquer coisa que lhe desse a presença material do progenitor.

O tio mandou-lhe o retrato de general, em toda a sua pompa. Nada mais significativo. Infelizmente demorou de chegar. Quando o psiquiatra o recebeu, tinha descoberto nas suas buscas ansiosas, já fazendo mal juízo da própria mãe, toda a verdade sobre Hermógenes. A moldura comprovava

tudo. Nos arquivos da Polícia Montada de São Paulo constava o nome de um soldado, de nome Hermógenes Pereira Gonzaga, natural de Beira Rio, expulso da corporação por desvio de conduta. E as medalhas no peito? Bem, todos sabem que existem nos estúdios dos retratistas, desde o cavalinho de madeira para os meninos tirarem retratos vestidos de caubói, até fardas com medalhas para os vaidosos que pretendam ser promovidos, com os galões e insígnias ao gosto do freguês.

Triste sina de um garboso retrato de general: virou labaredas.

MARIDO MODERNO

Compadres. Os dois estavam no gabinete do que era casado e juiz de direito. O outro, comerciante de tecidos, bem posto na praça. Jogavam baralho juntos, aos domingos e feriados, quando os deveres o permitiam, e era obrigatório o almoço do lojista, chamado Adamastor, na casa do magistrado, de nome José Estandislau. Adamastor continuava solteiro, no viço dos quarenta anos. Não se casara até ali por absoluta inibição. Vergonha de dirigir-se a uma moça, mesmo bem-intencionado. Salvo aqueles almoços e encontros na casa do compadre, vivia esquentando o caminho do apartamento para a loja.

Doutor Estandislau, ao contrário, era mundano. Alegria às gaitadas, mantendo amante em cada

escondido da cidade. Dançava nas casas livres até a noite pegar o rabo do dia, sem nenhum constrangimento da respeitável posição social. Pagodeiro. Sua mulher, dona Neusa, prima do compadre, submissa, aceitando tudo como Deus era servido. Se o esposo chegava às tantas da madrugada, nem precisava explicar-se. Ela mesma queria acreditar que ele estava no Fórum, prolatando sentenças. Gostava de lavrá-las no sossego do seu gabinete, onde poderia consultar a biblioteca do tribunal.

Dona Neusa pariu três filhos, que puxaram a sua família, e nada ao pai, com aquele semblante abigodado de mexicano dono de cabaré. Sem vaidades, a jovem e tranquila mãe amamentava até que escorria a derradeira gota de leite. Jamais fora a uma festa dançante. Seu trabalho era no lar, comandando as empregadas, fazendo arranjo para os jarros, lavando, ela mesma, a louça fina. Sua distração, como moça prendada, estava no bordado de bastidor, a mão ou a máquina, cobrindo os debuxos caprichosos. Seu riso, apagado. Mal entreabria os lábios. As roupas, na discrição das cores murchas. Nem um brinco ou volta de ouro, muito menos brilhantes.

Se usava uma joia, era de prata, encastoando uma pundonorosa pérola. Não saía, salvo à missa na contrição de terços rezados todo santo dia. Só muito amor para suportar o afogeuado doutor Estandislau.

Possivelmente tenha nascido daí a fuga do insatisfeito marido às mulheres árdegas, de melhor desempenho nas cavalgadas dos lençóis. Conquistava-as com facilidade, aproveitando-se da posição de magistrado, carro estrangeiro, generosos cartões de crédito para as rodadas de vinho e uísques, com as idas aos motéis, que davam um quê de proibido. Saboreava o risco de ser pegado no flagrante do pecado. Caprichava nas emoções, pedindo à amante do momento que fosse dirigindo, enquanto ele se escondia, abaixando-se no coxim. Ou divertia-se despistado de motorista, com quepe, paletó de botões dourados, levando a beldade no banco traseiro.

Ante as brasas vivas e a cinza fria de dona Neusa, ele preferiu o divórcio fácil, que ela, passivamente, aceitou, sem nada exigir. Por dever de consciência, deu-lhe o apartamento da família e a mesada pródiga. Sentia piedade por quem o acompa-

nhara pelos sertões, até chegar à capital, na posição de destaque que hoje o aureolava.

A cada promoção de comarca do doutor Estandislau, o fiel compadre dava balanço na loja, até com prejuízo, e mudava de praça, acompanhando-o. Não podia viver sem o amigo, que o amparava na crescente timidez. Quando o magistrado se ausentava e, às vezes, fazia viagens a Paris, não pelo Museu do Louvre, mas pela libertinagem, o prestimoso Adamastor visitava diariamente dona Neusa. O mesmo acontecia quando, ainda nas comarcas do interior, a rotina de ouvir partes, testemunhas e acompanhar vistorias, levava o diligente homem de letras jurídicas aos fins de semana prolongados, até quarta-feira, à capital.

Agora vem o lado humano do ex-marido. Como cidadão compreensivo, admitindo a evolução dos tempos, não queria que dona Neusa, ainda tão jovem e bonita, continuasse na solidão das mulheres abandonadas. Sabia que ela, uma santa, não teria temperamento para procurar matrimônio, muito menos um namorado eventual.

Decorridos quase dois anos, doutor Estandislau ainda a visitava, levando-lhe caramelos e chocolates, mimando o resto de menina inocente que vi-

via nela. Seu sentimento de culpa reconhecia a ingratitude que praticara.

Compadre Adamastor continuava o mesmo. Agora dividia a atenção com ambos. Mas vamos ao começo da história. Sentavam-se os dois compadres no gabinete, e o amigo comerciante, abismado, ouviu:

– Vocês são parecidos. Ela está desimpedida, porque divorciada. Dão-se muito bem. Que tal seu casamento com Neusa, meu compadre? Já falei com ela. Não respondeu nada. Baixou a cabeça.

– Compadre, o que você me propõe é um horror. Um desrespeito. Com que cara falarei... se nunca tive jeito para procurar outras moças, como me encaminhar à comadre e pedir-lhe a mão?

– Ora, compadre, deixe de bobagens. Por causa do seu acanhamento, você perdeu os maiores prazeres da vida.

– Não, compadre, dez vezes não.

– Vamos fazer um trato. Você não precisa tomar nenhuma iniciativa. Eu me encarrego de tudo.

Depois de muita insistência, Adamastor relutava com as palavras gaguejadas:

– Poderia até pensar nesse disparate se for casamento de verdade. Não quero que nossos co-

nhecidos digam que me aproveitei da comadre, na dificuldade que está passando, desencaminhando-a. Seria uma traição à nossa amizade. Mas como é você que está lembrando...

— Ainda hoje vou mandar preparar os papéis. Nem preciso falar com ela. Faz o que mando e quero. Sempre me teve como pai e marido. Continua a ser filha. Como você, ouve os meus conselhos.

Acabou dando certo. Doutor Estandislau voltou para casa feliz. Amparava mais uma vez sua ex-esposa. Por ser juiz da vara de família, tinha obrigação de assim proceder.

Depois do casamento, tendo doutor Estandislau entre os ilustres padrinhos, dona Neusa e Adamastor procuraram um apagado hotel, onde passaram três dias em lua de mel.

Após o ato, sim, ia me esquecendo, o magistrado ofereceu banquete para os amigos comuns, gente do comércio, desembargadores, colegas, advogados. Até deputados apareceram. Doutor Estandislau divertia-se. E contava sorridente como se dera o enlace. Mas também desejava mostrar a sua grandeza de espírito.

Passados alguns dias, doutor Estandislau encontrou uma carta esquecida dentro do pecaminoso romance Madame Bovary. De Adamastor para a comadre. Carta discreta, sem maiores efusões d'alma, como aliás, era o temperamento de ambos.



Lilia de Souza

Euclides Neto



CONVERSÃO DO VIGÁRIO

Caatinga enfezada. Lugar por onde passaram muitos heróis de Canudos. Lá em cima, no cocuruto do morro empinado, atrás da cidade, a cruz - símbolo da paz e da guerra. A cidadezinha acanhada, sobrevivendo da lavra de cereais, tão vasqueira quanto as chuvas. E das cabras. As casas parece que escorreram do alto, como rolavam pedras nas enxurradas dos aguaceiros. Tudo sufocado pelos verões de alguma fornalha das profundas. Os vaqueiros passavam encourados nos cavaleiros castanhos, seguidos pelos cães magros, ossos riscando a forma dos bichos e dos homens. Andavam lerdos e sem pressa. Como se soubessem onde estaria o fim e retardassem para chegar lá. O tempo é longo, distante. Não sabem quando

voltam, nem até aonde vão. Depende da rês arribada, do marroeiro sumido, que anda procurando amante naquelas noites fofas de alecrim cheiroso.

Ali chegou o padre Antero, barba encapoeirada, olhos entrincheirados no fundo das órbitas. Tirasse a batina e vestisse os couros, seria um do lugar. Piedade. Desejos e pecados recolhidos no sacrário do catecismo. Alugou a casinha porta-janela, na rua do Umbuzeiro, quintalzinho cercado com garranchos de jurema e macambiras. Chegava para ficar, casamentar as virgens, que ali ainda as havia, batizar os pagãos, levar os santos óleos às ovelhas do Senhor. Se possível, enxaguar aqueles miolos das palavras do perigoso Conselheiro e sua gatinha miúda, que morreram sem se entregar, lutando contra os graúdos, pois o beato-guerreiro era o próprio Satanás. O primeiro-cujo, aprendiz do segundo nas artes da escuridão.

O bom pastor de ovelhas (melhor dito, de cabras) viveria nas virtudes da Igreja, cuidando dos afazeres da fé, das roseiras para o altar – seu lazer. E do canarinho-terra, na falta de um cravo para tocar as músicas sacras. Assim, também escorçaria as tentações dos solutos ermos. Sabia que a solidão era alcova das tentações. Nem queria

zeladora do altar. Para que os olhos curiosos e as línguas-de-navalha ficassem silentes sobre a sua vida. Batina! Nada de short e camisa xadrez como o malandrêu do antecessor, jogando perna, dominó na porta do cabeleireiro Epaminondas, dando gargalhadas no deboche da guitarra, engraçando-se com as meninas, emborcando copo; e, além de tais pecados, se enlameava nos capitais, ao frequentar as mulheres alegres, sob a desculpa de trazê-las ao cercado de porcas, já que ao redil de cordeiras não podia ser. Um pai de chiqueiro, o outro padre. A paz do Senhor esteja convosco! Da política, pecado mais grave ainda, nem ouvir falar. Visitou o prefeito, o juiz, o delegado. Cumpriu o preceito.

Contratou marmita a uma velhinha, somente com feijão gurutuba, farinha e ensopado de bode. O café da manhã e da noite, ele mesmo o resolveria, estrelando os ovos das poedeiras. Mulher dentro de casa, nem ver. Só a imagem da Santa da sua devoção. Ao rezar aos seus pés, encantava-se com a beleza dela, um estranho sentimento o possuía. Chorava em desespero. Terminou levando a imagem em procissão à capelinha da Várzea do Sapo. Preferiu ficar com sua alma sempre arrependida

pelos pecados nos momentos da saudade. Quanto mais longe das tentações, melhor. Mesmo assim, celebrava mais missas na igreja, como que atraído pelas forças do sujo Conselheiro.

Padre Antero cresceu a barba, encovou mais os olhos, puiu a única batina. A fé lhe deu aquele semblante de santo. Santo, realmente, passou a ser para os do lugar. Arrastou à missa domingueira, além do povinho de Deus, todas as autoridades e donos das extensas terras que se derramavam em volta. Muita ovelha suja voltou ao rebanho, deixando o pastor da Igreja Batista sem uma marrã. Praticamente fechou a do Sétimo Dia.

A paróquia virou Terra Santificada. As procissões que marinhavam o morro na penitência encorpou fileiras. Aparecia novamente um beato naqueles sertões! O povinho não se contentava com os padroeiros do céu, invisíveis. Era da sua lenda beatificar alguém em vida, para sentir-se protegido e perto de Deus. A presença do vigário era mais um milagre.

Se por onde corre a veadinha arisca, passa onça feroz, assim, também, na trilha do homem virtuoso viaja o Esconjuro.

Chegou o sucesso à cidade. O coronel Nicodemio da Ponta da Pedra mandou cercar o fundo de pasto que pertencia a mais de trinta famílias. Correu o farpado e garganteou que se qualquer criame passasse para dentro da sua terra levaria chumbo. Como bode não respeita dez fios de arame, quanto mais quatro da promulgada Lei dos quatro fios, veio o destempero. Cinco criações baleadas, ficando logo três mortas, e as outras foram se acabar no terreiro, junto às crias novas. Os donos reclamaram. Tiveram o mesmo destino.

Durante eras, desde o nascimento do século, já caído na idade, que não se ouvia falar em briga maior por aquelas bandas. A mortandade de Canudos gastara a violência por muito tempo. Os anos correram mansos até ali. Mas a raça era a mesma.

Apareceram os filhos que escaparam e a viúva do assassinado, moradores das terras soltas. Procuraram o delegado, não o encontraram. O prefeito, fora, em Salvador. Juiz e promotor há tempos não compareciam à comarca, que ali não era lugar para doutores formados, de rubis brilhantes. Os dois soldados e o cabo, em diligência.

Três catingueiros ficaram no chão exemplados pelos cartuchos da 12: o pai, com os dois pés decepados. A família agoniada, sem encontrar com quem se entender. E não adiantava chorar ao pé do cruzeiro lá do alto. Alguém se lembrou do padre.

Por mais que o já beato Antero se desculpasse, alegando que o caso pertencia às autoridades temporais, dando a César o que era do rei, não convencida.

Disseram que um dos baleados estava bulindo, já no cirro da morte, carecendo de ser encomendado. Não se tratava, pois, de assumir as responsabilidades terrenas. Era uma alma esperando a extrema-unção para entrar no reino celestial. Foi à igreja, apanhou uma hóstia. Piedosamente acomodou-a numa caixinha, com os santos óleos e tomou o caminho do sucesso. Chegou já sol virando cinzas. Não era do seu desejo aquela visão: à beira da encruzilhada, os corpos, os pés um pouco adiante. Parentes botavam sentido, entoando as rezas molhadas de lágrimas, acompanhando as almas que ainda não tinham chegado ao céu. Aguardavam a autoridade e montavam guarda, evitando os urubus gulosos, que já festejavam em

voos baixos. Esconjurados! Já tinham feito muito banquete em outras criaturas, também abatidas pelas mesmas razões. Só deixavam as cazumbas.

Padre Antero, na volta, deu um pulo na capela da Santa. Ajoelhou-se e praticou a maior contrição da sua vida. Pediu a ela que o amparasse dos maus pensamentos. Não pretendia seguir os passos dos padres comunistas. Buscava a senda do amor e do perdão. Da paz e da cordura. Que lhe tirasse dos lábios a caneca coculada de amargor, demasiadamente cheia para a sua fé.

Qual foi a resposta da Milagrosa, adjutorada por Jesus, não sabemos. O amanhecer do dia seguinte encontrou um vigário sem dormir, olhos entrincheirados mais ainda, fixos na estátua de Antônio Conselheiro, carrancudo, que parecia pregar no meio da praça a mensagem dos passados tempos.

Domingo. A capela da Santa, tibi de cheia, não cabia a gente das redondezas. As autoridades bem do seu. Pilatos entrou em julgamento. As palavras em ponta de faca caíam sobre os omissos. O coronel desviava as vistas do pregador, mas os olhos terríveis da ira dos bons o seguiam. Virou-se para trás. O religioso deixou o altar, percorreu o espa-

ço que os separava, postando-se à sua frente. Retomou. Os fiéis entenderam. Nem precisava dizer que aquela missa era a do Sétimo Dia pelas almas do pai e dos filhos. Todos os olhares se fixaram no coronel. E também nas autoridades que se ausentaram no dia do sucesso.

Mirou a querida imagem. A Santa lembrava mesmo a menina da escola primária, já mocinha. Ele buçando bigode, ela estufando os botões de rosa da blusa, noivando outro, levando-o desgostoso ao seminário.

Começou a respeitar a vida do Conselheiro. Estava na fala dos mais velhos. Teria que resgatar a memória do santo homem. Disso não fazia segredo. Organizara os trabalhadores. Resistiu à feitura da cerca da Ponta da Serra, mandando cortar os farpados e soltar o criame. A notícia correu terreiros e encruzilhadas. Foi esbarrar no rio São Francisco, atrás do horizonte. Foi expulso da Igreja. Continuou celebrando missa, casando, batizando, distribuindo o pão das almas e lutando pela farinha do estômago dos homens. Sua fé era profunda, convicta. Tirou a batina, vestiu-se de trabalhador: alpercata de couro cru, calça remendada, camisa de xadrez, jaleco, crucifixo de umburana

feito a canivete por ele, que também esculpia santas e as colecionava com devoção, enchendo os cômodos da casa. Beato nos limites do ódio e do amor, em luta com os próprios sentimentos, sem saber até onde chegaria.

Certo dia, foi ao mato cortar uma tora fornida de umburana de cheiro. Amarrou-a pela cintura com corda de caroá, para puxá-la. Quando o viram parecendo um boi de arrasto, suando bagas, lábios contorcidos pelo esforço e dor, sangrando pela autoflagelação, tentaram ajudá-lo. Não aceitou. Carregava o seu madeiro – mais uma penitência do santo homem. Foi juntando fiéis, fiéis, debulhando terços, e longa procissão se formou. Ladainhas, velas acesas, acompanhando-o. Subiu a ladeira da entrada da rua. Tropeçou e caiu algumas vezes no percurso do calvário. Quando esbarrou na porta da sua casa, desfaleceu. Deram-lhe água com açúcar. Voltou a si. No mesmo dia, começou a esculpir a Santa no tamanho natural. Levou meses na enxó, na goiva, dando forma à madeira macia como as carnes de uma virgem. Descobriu assustado que a imagem ficava cada vez mais parecida com a menina da escola, confundindo-se também com Afrodite – mãe do outro

Antero, o da mitologia. Trazia, pois, do batismo, o estigma de todos os pecados. Temia vestir também a umburana perfumada como a deusa do desejo e do amor, que o mármore parecia cobrir com o finíssimo manto transparente os seios mimosos da grega.

A imagem ficou perfeita. Pensou em benzê-la e colocá-la, na praça, ao lado do Conselheiro. Mas, sentiu ciúmes. E nas noites mormacentas da carne, se levantava, acendia muitas velas e ficava a contemplar a sua devoção. Punha as flores que cultivava com tanto carinho em seus pés. Só havia um meio de castigar-se. Saía ao relento e apagava o seu próprio fogo com água e sal, depois de ferir-se com os espinhos da roseira.

A dúvida era não distinguir mais os pecados da carne e os das novas convicções religiosas. Convertera-se à fé possível.

AMORES DA PUBERDADE

Doutora Belanice não lhe saía dos desejos. Noites enormes a pensar nela, revendo as esquinas arredondadas do seu corpo. Andar elegante de garça no cio. Mas impossível. Nem por isso a lembrança do seu odor o abandonava. Sentia-o toda vez que a encontrava, ao apertar-lhe a mão. A vergonha e o marido, sempre presentes, não lhe permitiam beijá-la. Mesmo quando ela se inclinava para frente no gesto de quem entregava a face ao afeto do cumprimento. Arrependia-se. Perdia sempre a oportunidade de aliviar a sua paixão no contato dos lábios sôfregos naquelas bochechas de covinhas morenas. Mesmo sabendo que era normal e que jamais alguém desconfiaria dos seus sentimentos.

Temia que seus olhos gulosos o traíssem. Todo o semblante se modificava ao vê-la. Sentia que as narinas se arregaçavam animallescamente. A boca franzia-se numa comissura imoral. Ora empalidecia, ora ficava escarlate.

Precisava ter cuidado quando a doutora aparecia. Receara completar o desejo naquele dia da chegada na fazenda, a única oportunidade que tivera. Deveria tê-la beijado, e até tocar-lhe o rosto com os lábios semiabertos. Agora chegava amargura com arrependimento. Conquistar aquela mulher, bem-casada, lindíssima, rica, diplomada em economia, graduação em Harvard... Ele, seu primo (não direi o nome porque me contou tudo e pediu segredo), um bisonho estudante secundarista, quase um menino, passando as férias na fazenda do tio, também primo dela.

O que se chama amor impossível seria aquele. Não tanto pelo parentesco, mas pela diferença de idade. Ele com catorze anos e ela no esplendor dos trinta e cinco.

O mais grave é que começava a ter ciúmes. Não só do marido, mas de qualquer homem que se aproximava de Belanice. Passou a vigiá-la, ainda que de longe. Disfarçava-se atrás das portas e

móveis a espreitar os passos da amada, conferindo seus movimentos. Se ela entrava no banheiro, esperava a água jorrar, escorrendo sobre o seu corpo. Maldava coisas. Quando ela resolveu passear na mata do fundo da sede, viu-a atravessar o rio, levantando exageradamente a saia. Felizmente só o marido a acompanhava. Menos mal. Mesmo assim, sofreu. Quando eles sumiram entre os arvoredos, não se conteve. Também entrou no matagal. Paralelamente, andava a certa distância, sem ser notado, mas ouvindo as vozes deles. Receava que naquele escondido... Porque se beijavam despidoradamente. Morreria se os visse no ato. Não se conteve. Apanhou uma pedra e jogou-a na direção dos desavergonhados. Assustaram-se, voltando por onde chegaram.

Na noite daquele dia procurou o quarto vizinho ao do casal. Não dormiu, tentando ouvir ruídos daquilo que imaginava, dolorosamente. Não demorou muito. Lá estavam os dois gemendo e fungando, antes do fim da sem-vergonhice. Deu um pontapé tão forte na parede que se largaram. O marido ainda pilheriou:

– Estamos dando azar. Na mata houve aquela visagem, agora também aparece assombração.

Escuta, o galo está cantando fora de tempo. Pode ser arte de alma, pilheriou ele.

Saíram os dois ao terreiro. A noite silenciosa tomou-se mais enluarada para que a doutora e seu companheiro ficassem mais à vontade. Procuraram o pé da escada. Ela e ele quase despidos. Armaram-se. Ajeitaram os corpos um no outro. Agora caía atrás dos dois uma lata, que os amedrontou. Retomaram assustados ao quarto.

No dia seguinte, o menino foi à mata. Queria ao menos beijar os passos de Belanice no caminho arenoso. Saiu identificando as marcas da botinha de salto alto. Abaixava-se, tocando os lábios no chão, delirando. Adiante a surpresa. Encontrou-a nua, em coxas, nádegas, odor e cabelos, no exato momento em que pulava uma madeira grossa, tombada no chão. Parou de repente. Olhou para trás. Os dois naquela sombra verde e fresca. Sozinhos. Podia pensar no seu amor, agora possível. Mais fácil que imaginara. Certamente ela fora ali para tomar banho no ribeirão, refrescar-se, ou quem sabe... desconfiara dos seus olhares pidões. Ouvira falar de mulheres afoqueadas que procuravam rapazinhos da sua idade. Aproximou-se. Ela quieta e dócil.

Sem qualquer acanhamento, aproximou-se. Parecia até um experiente amante. O corpo, mais bonito que imaginara. Estava tonto. Enlouquecia. Precisava conter-se. Queria auferir todo o perfume da mulher há tanto tempo desejada. Ela continuava imóvel. Não aguentava mais. Debruçou-se sobre os quadris exuberantes. O tempo parado. Somente sua cabeça funcionava. Abraçou-a delicadamente e sentiu que penetrava a greta morna de uma flor. Nem uma palavra para não perturbar tanta felicidade. Satisfazia os desejos há tanto tempo reprimidos. Esqueceu-se do marido importuno, dos parentes comuns. Ela é que viera por assim o entender. Aparecesse naquele instante quem aparecesse, pouco se lhe dava. Não se contentou com uma vez. Foi até cansar. Tanta espera. Talvez a oportunidade, a única.

As flores se abriam mais coloridas e belas. Os passarinhos faziam festa sobre o casal. Zonzas, as borboletas alvas pousavam sobre o corpo da amada, tomando-a lanzudinha como o arminho.

Daí em diante, todos os dias voltava à mata. Só se juntavam a partir da volta do caminho, escondendo o pecado. Será que alguém desconfiava? Quando se encontravam, sempre na árvore caída,

ela ficava passivamente a receber as suas carícias. E tudo acontecia deslumbradamente. Como da primeira vez, repetia:

– És bela e perfumada como as flores da mata. As guriatãs cantadeiras repetem a tua voz.

O ribeirão corria manso, testemunhando o amor dos apaixonados.

Ela saiu correndo elegantemente como uma garça no cio, deixando-o com os desejos satisfeitos.

Além dos passarinhos, das flores e do ribeirão, apareceu uma jumentinha cavaleira, ainda vagalumeando, coberta com borboletas iguais a pétalas de rosas alvas.



Euclides Neto

A ÚLTIMA CAÇADA

(contos)

e-book.br
PORTAL INSTITUCIONAL
DO LIVRO DIGITAL

Resumo em formato pdf disponível em: www.0apaz.com.br



ORELHA DA PRIMEIRA EDIÇÃO (2001)

Júlia Teixeira Bussius

Nascido no povoado de Jenipapo, distrito de Areias (hoje Ubaíra), no interior da Bahia, no ano de 1925, Euclides criou-se na roça, fazendo lá mesmo seus primeiros estudos em escola de professora leiga. Mais tarde segue para Salvador ingressando no Colégio Padre Antônio Vieira para cursar o ginásio, resultado de imenso esforço financeiro feito por seu pai.

Forma-se advogado, na UFBA, em 1949, e assim segue por anos e anos defendendo todo tipo de causa justa (principalmente as dos mais necessitados). Passa em Ipiaú (região do cacau) a maior parte de sua vida, cidade onde se elegeu prefeito, à beira do golpe de 1964. Comunista de-

clarado, bateu-se com o novo governo ao criar a “Fazenda do Povo”, primeira ex-periência socialista de distribuição de terras no Estado. Após os quatro anos de mandato, só volta à política no governo já democrático de Waldir Pires, quando ocupou a Secretaria da Reforma Agrária, causa que sempre defendeu incondicionalmente.

Neste meio tempo casou-se e multiplicou-se em cinco, que se multipliam muitas vezes mais (quinze netos). Nas poucas horas livres escreveu uns tantos livros, alguns artigos e cuidou de suas roças e cabras. Mais tarde, quando o tempo se fez maior, dedicou-se exclusivamente a essas últimas tarefas, o que lhe era sempre muito prazeroso.

Entre seus escritos estão romances, contos, crônicas e artigos de jornal, em sua maioria ligados aos temas da terra, dos trabalhadores rurais e da região do cacau. Assuntos aparentemente sem maior importância para os letrados são tratados por ele de forma belíssima e quase cinematográfica, sensibilizando desde o leitor mais urbano até aquele ligado ao campo.

Quando se pensa no ser humano Euclides Neto, faz-se uma ligação direta a relação homem/ética. Os caminhos que percorreu não deixam es-

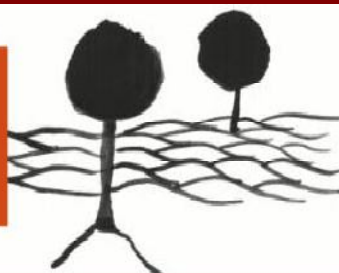
paço algum para qualquer dúvida no que diz respeito a sua conduta humana em toda a trajetória vivida. Princípios como a tolerância e o respeito ao próximo foram sempre pregados e realizados em tudo que fez.

Uma vida tão intensa, sempre tão requisitada, fez com que o corpo não pudesse acompanhar a velocidade do espírito. Com o coração debilitado desde cedo e mais tarde tendo que lutar contra um mal maior, acabou tendo sua força consumida por essas doenças, vindo a falecer em abril do último ano do século XX, aos 74 anos.

Tal perda demora-se a assimilar. Porém, com essa publicação póstu-ma vê-se certa predição daquilo que ele imaginava acontecer... *O tempo é chegado* soa como um final satisfeito, concluindo uma vida plena, sem lugar para arrependimentos ou pesares. É como se ele dissesse: “Pronto, já posso descansar. Nada mais me falta”.

euclides neto
Obra completa

romances • novela • relatos
crônicas • dicionário • contos



EUCLIDES, O MAIS PRÓXIMO DE MACHADO

por Jorge Medauar
(Prefácio da 1ª edição)

Se Machado de Assis é tomado como modelo literário, pela limpidez e clareza de seu texto, Euclides Neto, pelas mesmas virtudes, é um dos escritores brasileiros que mais se aproximam do mestre do Cosme Velho. Sua frase é muito cuidada. E as palavras que nela se articulam são muito bem apropriadas para expressar o pensamento ou os sentimentos deste que é, sem favor, um dos melhores escritores da Bahia e do país. Vindo com sua enorme experiência literária, tanto de romancista, como de ensaísta ou articulista, sem que se esqueça do dicionarista, agora se inaugura na história curta, dando-nos os belíssimos contos deste seu *O tempo é chegado*, um punhado – ou na sua própria linguagem – um caçua repleto de causos que

vão além de meras histórias com começo, meio e fim, porque neles há que se apreciar o estilista e o técnico que conduz a trama da história com segurança e maestria. Em nenhum momento, nesse esplêndido tecido da melhor composição literária, o romancista de *Os genres* faz a menor concessão ao mau gosto ou lugar-comum, oferecendo ao leitor uma sequência homogênea de criação ficcional, no geral o artista está vigilante para resolver os problemas que sempre ocorrem no curso de uma narrativa, sobretudo vernaculares. Mas Euclides Neto vai contando com muita personalidade, passando por cima dos mata-burros ou das armadilhas de nossa língua, aliás eivada de acidentes que desafiam os menos preparados. E sempre cuidadoso, como o era o velho Machado, desfia suas histórias como as contas de um rosário. Seria muito difícil apontar como exemplo um único conto – antes fora necessário apresentá-los todos para que se possa avaliar a importância desse volume de pequenas obras-primas. Mas, além da palavra precisa, da frase aprimorada, do estilo genuinamente pessoal, sem ranço de influências subalternas, é preciso atentar para os temas, que são nascidos da terra que ele tanto conhece, se dela

não fosse filho. Tem-se assim o que se poderia chamar a “universalidade” da obra, quando o autor canta bem a sua aldeia... para não deixar de lembrar Tolstoi. Passeia pelas ruas, pelas vilas, pela caatinga, pelas roças e povoados e conta o que vê no tabaréu, nos bichos domésticos, na simplicidade das mulheres, nos riachos e rios. Tudo lhe é familiar. Mas nem por isso descamba para a pieguice ou vulgaridade. Aí, sem dúvida, reside o valor do verdadeiro escritor, que sabe transformar o comum ou o simples em riquezas literárias.

Euclides Neto é escritor que não precisa de apresentação. Ele mesmo se apresenta com os créditos que possui, dando portanto melhor oportunidade para que se lhe conheçam as qualidades. Mal comparando, mas apenas lembrando, José de Alencar pretendeu apresentar Castro Alves a Machado de Assis! Pode? O maior poeta brasileiro já vinha com sua genialidade – e qualquer apresentação seria inútil ou banal. Apresentar Euclides Neto é ficar sempre distante de suas qualidades. Para que ele seja melhor apreciado, é preciso retirar da verdade nua e crua o manto da fantasia.

EUCLIDES NETO

**O ADVOGADO
E O BURRO LADRÃO**



issuu.com/euclides-neto/docs/2

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

TEMPO DE EUCLIDES

Hélio Pólvora

(*A Tarde*, 20 de janeiro de 2002)

O tempo é chegado, assim se intitula o último livro, edição póstuma, de Euclides Neto. Acham uns que o título é premonitório, tal e qual os sonhos premonitórios de que nos fala Jung. Não sei, não sou dado a esoterismos. Tenho outra explicação, menos misteriosa, mas igualmente com um toque poético. É esta: Euclides, a maior referência cultural de Ipiaú, sempre foi romancista. Eu mesmo, nas minhas aventuras editoriais, cheguei a editar-lhe *Comercinho do Poço Fundo* e *Machombongo*, romances que, como os demais do autor, refletem aspectos da paisagem, do tecido socioeconômico de uma região mista, de cacau e gado, na boca do sertão baiano.

Retratista daqueles cenários e intérprete de sua gente, em especial das vidas humildes, Euclides escreveu com a clareza meridiana e geométrica do seu homônimo. Precisava da largueza do romance para expor tudo o que tinha visto e sentido, testemunhado e pressentido, como proprietário rural, advogado defensor de posseiros e político virtuoso. Nos últimos anos, porém, abraçou o conto literário.

Não lhe foi difícil adaptar-se à camisa de força do gênero, que se exprime em composição fechada, como o soneto ou o poema. É que Euclides tinha uma escrita densa, concisa e objetiva. Bastava-lhe concentrar-se em determinado instante – o instante crítico, decerto – de uma vida, de uma situação, para exprimir o que queria, para advogar a causa das vítimas. Estava sempre do lado da vítima, como Graham Greene, embora sabendo que alguns perseguidores, os mais espertos, se fazem passar por vítimas.

Teria Euclides buscado o conto de forma consciente, deliberada – ou instigado pelo seu conto pessoal, pelo conto da sua vida? A pergunta tem cabimento, a questão vem de Diderot, que nos aconselhou a escrever contos para bem comple-

tar o conto das nossas fugazes existências. Machado de Assis fiou-se no conselho e veio a ser contista emérito. E vê-se que, após a morte do contista, o conto da sua vida e os contos que escreveu para entender a vida alheia e a sua vida continuam em processo narrativo – pelos leitores, pelos analistas, pelas circunstâncias em mutação, por outras possíveis vozes narradoras.

Os contos de Euclides, neste volume póstumo, encerram aparentemente o ciclo da sua obra literária. Quem sabe se não completam também o conhecimento que ele, Euclides, tinha de sua vida – o conhecimento íntimo, o insight que se toma mais aguçado pelo manejo da obra de arte? O *tempo é chegado* parece-nos, pois, leitura obrigatória para os que, admirando Euclides, se preocupam em medir com acerto a sua dimensão, que estaria acima, bem acima, da sua humildade, e subscreve a misericórdia e absoluta correção moral com que se houve em vida.

Ademais, O *tempo é chegado* – lançamento da Editus, casa editora dirigida por Maria Luiza Nora para a Universidade Estadual de Santa Cruz – traz uma temática da maior relevância, por sua atualidade: o esvaziamento econômico da lavou-

ra cacauera, com as suas tristes consequências sociais, após o advento de uma doença até aqui fatal, a vassoura de bruxa. Creio que Euclides Neto e eu fomos os primeiros a tratar disso, e ambos, coincidentemente, por intermédio do conto literário. Com a diferença de que, em Euclides, predomina a nota realista, enquanto este cronista se atreve a entrar no psicológico.

Euclides Neto narra casos de loucura, de suicídio, de rifa de fazendas causados pela pobreza inesperada. Há o relato em torno de um portentoso jacarandá que desperta a cobiça de madeireiros e vai a leilão, valendo mais que a propriedade. A desagregação familiar vem a reboque, tão grave quanto o desemprego para os necessitados. A violência sob várias formas e a falência dos costumes sucedem a um estado de pureza que, em geral, se atribui à sociedade rural. O tom por vezes anedótico, mas de uma anedota pungente, patética, chapliniana, não consegue sufocar a emoção. Um dos contos, “A última caçada”, é obra-prima a merecer antologia baiana ou brasileira.

O escritor consciente arma os contos com fina carpintaria. Somente a linguagem denota origem rústica, ao lado dos temas, porque Euclides Neto

insiste em captá-la, como forma de ser mais veraz e comprometido com o seu meio, fazendo-a conviver gostosamente com a língua erudita. Um escritor assim importante, que completou uma obra, com carinho, para que nos fosse legada, e que fez do conto literário o fecho e o facho de intensa busca de sua identidade e do seu jeito de estar no mundo, justifica todas as saudades.



Euclides Neto e Cid Seixas
em lançamento de livro do último.



O TEMPO É CHEGADO

Gerana Damulakis
(A Tarde, 17 de julho de 2002)

A Editus – Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus – já tem no catálogo um número expressivo de bons títulos, além de primar por edições cada vez mais bem cuidadas. Recentemente, foi lançado mais um volume importante da Editus, não apenas por conter um texto póstumo de um baiano reconhecido e considerado no mundo das letras, mas por refletir a sensibilidade e o espírito que dominam a linha de partida da editora.

O tempo é chegado, título da reunião de contos de Euclides Neto, chega ao público como mais uma oportunidade para se fazer uma leitura deste que

foi um romancista e contista cujo tema primeiro era a terra. O personagem, ou melhor, os personagens euclidianos são produto da terra em todos os aspectos e facetas da personalidade. Extremamente enraizado, o escritor nascido em Jenipapo, no interior da Bahia, foi criado numa roça e, depois de concluir os estudos em Salvador, viveu em Ipiaú, região grapiúna. Esse amor pela terra levou-o a ser prefeito de Ipiaú e a criar a “Fazenda do Povo”, um ousado empreendimento que mereceu aplausos e amedrontou os que até hoje temem por uma real reforma agrária.

Tal homem, tão ligado à gente, tão amante da terra, não poderia deixar de escrever sobre essa gente e essa terra. Em seus romances e em seus contos, a terra é símbolo da vida e da morte e os que nela trabalham são tantas vezes plasmados quase como se estivessem num poema de louvor, de canto ao homem do campo. Vestido, pois, de amor e também de indignação quanto ao sofrimento imposto aos trabalhadores e suas condições precárias de vida, não é com compaixão, mas antes com admiração, que Euclides Neto conta sobre a força, a determinação e o quanto há de suportabilidade nessa gente com quem ele lidava.

Um texto intitulado “Euclides Neto: o mais próximo de Machado”, assinado por Jorge Medauar, abre o volume. Nele, Medauar lembra a uni-versalidade da obra de Euclides, aquela uni-versalidade que só alcançam os que cantam bem a sua aldeia. Conclusão russa que é admirada até hoje e talvez não tivesse virado uma expressão tão repetida se o mundo não conhecesse um Tchekhov, um Tolstói, dedicados que foram em contar sobre suas gentes e suas aldeias. Mas Medauar vai mais longe, compa-rando a limpidez e a clareza do texto euclidiano ao modelo literário de Machado de Assis. E assim é, pois o escritor e amigo soube ver e enfatizar as virtudes do escritor de Ipiaú. Ele também grapiúna, Medauar lançou seu último livro de contos intitulado *Viventes de Água Preta*, na Coleção Literatura Regional Brasileira, pela Editora Rio Fundo, em 1996. A região grapiúna é rica em escritores, porque de suas terras emanam o talento e a vocação, e há qualquer coisa de mágico no aroma dos frutos de cacau. Tanto é assim que, sem forçar a memória, chegam imediatamente vários nomes fortes da literatura baiana oriundos das terras do sul, afora o nosso grande escritor Jorge Amado.

Nas “orelhas”, Júlia Teixeira Bussius escreve sobre a perda de Euclides e a demora em assimilar tal perda, mas acredita que essa obra póstuma “soa como um final satisfeito, concluindo uma vida plena”. Podemos ainda dizer, creio, que *O tempo é chegado* era necessário para as letras baianas, para se registrarem essas letras e elevá-las aos patamares de qualidade de uma época.

Há ricos contos no volume *O tempo é chegado*, desde “Os ciganos”, que guarda a linguagem local, até os casos engraçados, como “O cirurgião”, sobre um materialista que acaba tremendo de medo de almas do outro mundo, inclusive da alma de um papagaio, e “Conversa de maridos abandonados”, só para citar alguns exemplos. O volume traz deleite, o prazer de ler textos que ampliam a nossa visão de mundo, na medida em que abrem outra janela.



HISTÓRIAS DO POVO DA ROÇA

fontes populares no conto
de Euclides Neto

Cid Seixas
(Posfácio da Segunda Edição)

A narrativa de Euclides Neto é tributária direta das fontes populares rurais, notadamente da região sul da Bahia, marcada pela opulência e pela miséria das roças de cacau. Este singular escritor baiano nasceu nos heroicos anos de bravatas e bravuras desbravadoras do modernismo brasileiro e morreu em abril do último ano do século passado, sem viver o despertar do novo milênio. Escritor ilustrado nos bancos e páginas da Academia, com pleno domínio do registro padrão da língua culta, Euclides Neto optou com as-túcia por

um projeto de incorporação das formas, substâncias, conteúdos e expressões populares ao insípido clube da alta literatura.

Recusando-se a utilizar as fontes populares como signos do exótico e do pitoresco, mas se valendo de tal riqueza como ampliação dos estreitos corredores da fabulação erudita, esse atento narrador conseguiu atin-gir o domínio pleno da arte da escrita inventiva no seu derradeiro livro, *O tempo é chegado*, publicado postumamente, em 2001, pela Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus, com o selo da Editus.

Os 29 textos do livro, organizado para publicação quando o autor já estava fragilizado pela doença que o levaria à morte, apresenta atributos diversificados, desde contos exemplarmente bem construídos, que figuram entre os melhores da Literatura Brasileira do século XX, a narrativas que resvalam para o pitoresco e o divertido. Além dos contos, uma crônica foi anexada às 28 histórias, “Socorro, senhores médicos”, que desde o título evoca as incertezas do homem em busca da cura. Trata-se, portanto, de um texto de valor notadamente documental e biográfico que ameaça romper o equilíbrio dessa obra madura e resul-

tante da melhor performance de um escritor em constante processo de aprimoramento.

“A rica fazendeira de cacau”, “Briga de galo” e outros contos que teimam em falar alto na memória do leitor juntam-se ao exemplar “A última caçada”, narrativa curta do mais alto quilate, que merece figurar em qualquer antologia essencial do conto brasileiro moderno.

A escrita engenhosa de Euclides Neto confere à narrativa o trânsito entre dois espaços, primitivamente unidos e depois dissociados pelo discurso acadêmico: os espaços da Literatura e da História. Neste lugar de reunião ancestral, onde a arte de narrar mira mais os ouvidos do que os olhos, a experiência cotidiana e o saber comunicável transitam e se realimentam nos interstícios dos sujeitos do discurso, onde quem ensina aprende e o aprendizado é uma ensinança.

Os narradores perdidos no âmago do tempo-espaço, ou guardados e defendidos, preservados, portanto, nas dobras e nos lugares ocultados de cada cultura, destilam o sabor e o saber da narrativa primordial. Euclides – Neto e avô de saberes narrados, não obstante as leituras modernas e contemporâneas que o tomaram um profissional cul-

tivado nos moldes da Academia - retomou à fonte primitiva, entocada no interior da terra e do homem, para beber o elixir da linguagem esquecida.

Nessa fonte da eterna juventude dos povos, o narrador apenas conta e transmite experiências, saberes ou mesmo dissabores.

O narrador moderno e contemporâneo profana a história contada, junta o mito à imagem de novos deuses da razão, isto é, casa o conto, ou o astuciado, com a sua inteligência. Já o narrador primordial, apenas, narra — porque tudo é novo, misterioso e inexplicável.

A narrativa literária que a modernidade nos legou é marcada pela sanção da lógica que a tudo explica. O escritor dos nossos dias conta uma história que já contém em si mesma uma compreensão dos fatos narrados. Ou, muitas vezes, a explicação dos episódios, que nos é sugerida, constitui o desdobramento ou o desenlace da narração. A explicação e a compreensão confundem-se e transmutam-se na própria narrativa. Portanto, nada mais distante do mito do que esse tipo de narrativa engendrado pela razão crítica. Daí o fato da tradição moderna destacar, desde o século XIX,

um tipo de narrativa como pertencente ao gênero fantástico. Opondo-se à ideia de realismo literário, surgiu a noção de realismo fantástico, porque o fato narrado que não contém sua própria explicação ultrapassa os umbrais da realidade narrativa.

Euclides Neto faz o narrador das suas histórias recuar ao tempo do mito, onde o que se conta não precisa de outra legitimação além do próprio contar. Onde História e Literatura, hoje dois saberes distintos, eram uma só narrativa. Os velhos cronistas foram os pais dos novos historiógrafos, gerando tais filhos quando esposaram uma virgem então inacessível: a compreensão do fato narrado.

No vórtice da viagem, unindo tempos antagônicos, Euclides Neto cons-trói o poder de sedução da sua escrita, chegando ao vencido vértice - ao magma, à lava, ao cristal das histórias reunidas no livro *O tempo é chegada*.

A multitemporalidade, que pode se converter em atemporalidade, faz as narrativas de Euclides Neto resvalarem para o estranhamento, para um espaço insólito ou uma terra de ninguém, evocando em alguns contos do autor a reminiscência

de algo que está desaparecendo. Walter Benjamin, no livro *Magia e técnica, arte e política*, ao estudar os traços do narrador na obra de Nikolai Leskov, observa que as características orais da arte de narrar estão em processo de extinção, porque a sabedoria – “o lado épico da verdade” – não encontra espaço numa sociedade marcada pelo desaparecimento das relações interpessoais construídas no trabalho. Especialmente nas atividades e ofícios em que a troca de experiências constituía a produtividade. Para o filósofo,

“esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular de forças produtivas.” (Benjamin, 1987, p. 201)

Podem-se evocar algumas ideias desse pensador da escola de Frankfurt, a propósito da ficção de Euclides Neto e da sua busca de caminhos na esfera do romance, para achá-los, depois, na prática do conto, quando realiza a maturidade da sua arte de narrar. Benjamin observa que a tradição

oral, que é característica da poesia épica, tem uma natureza fundamentalmente diversa de tudo aquilo que viria a definir o romance como forma literária. As formas narrativas que aspiram romper com a tradição da cultura ágrafa se afastam da tradição oral, dos contos de fada e das lendas, buscando novos saberes na transmissão escrita da ciência. Por outro lado, há formas narrativas menos preocupadas com a compreensão do admirável mundo novo e mais comprometidas com a transmissão da velha e renovada experiência adquirida no dia a dia das pessoas. Aqui se fala, particularmente, do conto de Euclides Neto. O narrador primordial retira da própria experiência ou da experiência relatada por outras pessoas as coisas que são incorporadas à sua história.

No panorama do conto brasileiro do século XX, Euclides Neto configura os traços do narrador benjaminiano; como alguém que vem de longe e conta aos seus ouvintes a experiência e a sabedoria trazidas de lugares mágicos, porque defendidos pelas brumas do desconhecido. Essa distância configurada no saber no narrador é, segundo Benjamin (p. 202), o longe espacial das terras estranhas e o longe temporal contido na tradição.

Para o filósofo neo-hegeliano, somos pobres em histórias surpreendentes mesmo quando somos torpedeados por notícias de todos os cantos do mundo, porque os fatos que constituem as notícias já chegam acompanhados de explicações. Benjamin entende que a maior parte do que é veiculado está a serviço da informação, em detrimento da narração; e afirma textualmente: “Metade da arte narrativa está em evitar explicações” (p. 203).

É esta ausência de intervenção da lógica e do pensamento explicativo que assegura a permanência, na memória do leitor, tanto das antigas narrativas históricas, construídas pelos cronistas e escrivães reais, quanto do conto, de ontem ou de hoje, fundado em tais bases estruturais.

Para elucidar o raciocínio aqui desenvolvido a propósito dos contos de Euclides Neto e do seu lugar no quadro da literatura brasileira do século XX, vejamos o que diz o pensador da escola de Frankfurt:

“Cada vez que se pretende estudar uma certa forma épica é necessário investigar a relação entre essa forma e a historiografia. Podemos ir mais lon-

ge e perguntar se a historiografia não representa uma zona de indiferenciação criadora com relação a todas as formas épicas. Nesse caso, a história escrita se relacionaria com as formas épicas como a luz branca com as cores do espectro. Como quer que seja, entre todas as formas épicas a crônica é aquela cuja inclusão na luz pura e incolor da história escrita é mais incontestável.” (Benjamin, 1987, p. 209)

Ainda para ele, todas as maneiras com que uma história pode ser narrada estão presentes no amplo espectro da crônica, uma vez que o cronista seria o narrador da história. A diferença entre esse e o historiador, para Benjamin, reside no fato de o último ter como escopo explicar os fatos e episódios com que lida, enquanto o cronista precisa apenas bem representar o ocorrido, a exemplo dos cronistas medievais citados como “precursores da historiografia moderna”.

Herdeiro dessa forma narrativa, pela via da tradição oral que também a alimentou, Euclides Neto substitui a explicação plausível pela lógica da fábula, identificando a estrutura do seu texto com a do texto do mito. A narrativa mítica não precisa

explicar aquilo que narra, pois ela mesma já é uma explicação para o que ainda não se explica.

Se o mito é uma narrativa primordial destinada a buscar compreender o que ainda está velado, ou uma espécie de discurso aleatório para vislumbrar o que ainda não se explica, ele antecipa a fala do sujeito que tenta, no divã, tagarelar à toa sobre o que não sabe. Assim é a narrativa dos casos da roça, em *O tempo é chegado*, que vela e revela o que somente se entrevê.

Autor de ensaios, crônicas e romances, Euclides Neto iniciou-se nas artesanias da escrita com a geração emblemática de 1945, marcada pela fusão do veio telúrico dos anos 1930 com os tumultos de um mundo novo que se refazia. Ao longo de doze livros publicados em vida, o escritor desenha a cartografia de um percurso e as perdas e ganhos de um percalço, para deixar como herança da sua obra de escritor multiface, polígrafo, um livro póstumo que é uma *espiral parabólica* no panorama da nossa literatura.

Utilizo a expressão *espiral parabólica* no sentido de lugar geométrico: plano de um ponto que se move com velocidade constante ao longo de uma

reta; girando, por sua vez, com movimento uniformemente acelerado em torno de um ponto fixo.

Simple e complexa, ingênua e maliciosa, divertida e cismada, dissoluta e contrita, ilusória e densa são adjetivos que escorrem, numa cascata cambiante de oxímoros, a dialogar entre si no faz de conta da prosa maneira do mais original contista das roças de cacau.

Ora aceitando os desafios da escrita literária do seu tempo, ora recuperando o pensamento silvestre que escorre num dedo de prosa matuta, o texto narrativo de Euclides Neto contempla a reapropriação do pensamento selvagem, no sentido proposto por Lévi-Strauss. O contista de *O tempo é chegado* transita com desembaraço entre espaços marcados pela incompatibilidade, promovendo a alquimia da criação artística que transmuta a dureza dos metais na ductilidade do difuso.

Os contos reunidos neste livro de guardados, achados e perdidos, chegam sorrateiros, como o matuto que pede licença para entrar nas casas da cidade, com gestos silenciosos e humildes. Mas sua entrada, não obstante a suavidade matreira, é acompanhada por uma luminosa inquietação. O gosto e o saber estabelecidos são delicadamente

postos em suspenso no curso de um astuciado que nos leva de volta a lugares descolonizados pelo pensamento selvagem.

A ingênua simplicidade dos contos de fadas estão a serviço de uma dicção culta, ampliada pela experiência do homem que vivência uma outra cultura, subterrânea e subjacente como um lençol freático a dessedentar os exaustos caminhantes de uma seara massificada e exaurida por um vendaval de informações.

O tempo é chegado, assim se intitula o último livro, edição póstuma, de Euclides Neto. Aham uns que o título é premonitório, tal e qual os sonhos premonitórios de que nos fala Jung. Não sei, não sou dado a esoterismos. Tenho outra explicação, menos misteriosa, mas igualmente com um toque poético. É esta: Euclides, a maior referência cultural de Ipiaú, sempre foi romancista. Eu mesmo, nas minhas aventuras editoriais, cheguei a editar-lhe *Comercinho do Poço Fundo* e *Machombongo*, romances que, como os demais do autor, refletem aspectos da paisagem, do tecido socioeconômico de uma região mista, de cacau e gado, na boca do sertão baiano.

Hélio Pólvora

A ÚLTIMA CAÇADA

Euclides Neto

A última caçada é uma seleção de contos tanto publicados em vida pelo autor quanto, após a sua morte, em *O tempo é chegado*, reunião das suas narrativas completas, pela Editus, em 2001.

Algumas obras do Acervo Euclides Neto serão disponibilizadas pela **e-book.br** além de incluídas na **issuu.com**, plataforma desenvolvida em Copenhagen, na Dinamarca, publicando milhares de livros, jornais e revistas de leitura gratuita.

Segundo a edição inglesa da Wikipedia, o site **issuu.com** conta com mais de 85 milhões de leitores em todo o mundo.

<https://issuu.com/euclides-neto/docs/1>
www.e-book.uefs.br/euclides_neto

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL